



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA – PPGCP

**O PAPEL DAS REMESSAS FAMILIARES NA ECONOMIA DE EL SALVADOR:
UMA DIMENSÃO DE GÊNERO**

Juliana Mércia Guilherme Vitorino

RECIFE

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA – PPGCP

**O PAPEL DAS REMESSAS FAMILIARES NA ECONOMIA DE EL SALVADOR:
UMA DIMENSÃO DE GÊNERO**

Dissertação apresentada como requisito à
obtenção do título de Mestra em Ciência
Política, pelo Programa de Pós-graduação
em Ciência Política da Universidade Federal
de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr.
Marcos Costa Lima.

RECIFE
MARÇO | 2012

Ata da reunião da Comissão Examinadora para julgar a Dissertação da aluna **JULIANA MÉRCEIA GUILHERME VITORINO** intitulada: O impacto das remessas familiares na economia de El Salvador: uma perspectiva de gênero, para obtenção do grau de Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco.

Às 14:00 horas do dia 02 de março de 2012, no Auditório do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco, reuniram-se os membros da Comissão Examinadora da Dissertação intitulada: O impacto das remessas familiares na economia de El Salvador: uma perspectiva de gênero, composta pelos professores doutores: Marcos Ferreira da Costa Lima (Orientador), Remo Mutzenberg (Examinador Externo), e Susan Lewis (Examinadora Externa). Sob a presidência do primeiro, realizou-se a arguição da candidata Juliana Mércia Guilherme Vitorino. Cumpridas todas as disposições regulamentares, a Comissão Examinadora considerou a candidata **APROVADA COM DISTINÇÃO**, recomendando a publicação de sua dissertação. Nada mais havendo a tratar, eu, Quezia Cristina Cavalcanti de Moraes, secretária da Pós-graduação em Ciência Política, lavrei a presente Ata que dato e assino com os membros da Comissão Examinadora. Recife, 02 de março de 2012.

 Quezia Cristina Cavalcanti de Moraes (Secretária)

 Prof. Dr. Marcos Ferreira da Costa Lima (Orientador) UFPE

 Prof. Dr. Remo Mutzenberg (Examinador Externo) UFPE

 Prof. Dr. Susan Lewis (Examinadora Externa) UPE

 Juliana Mércia Guilherme Vitorino (Mestre)

Bibliotecária Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4-985

V845p Vitorino, Juliana Mércia Guilherme

O papel das remessas familiares na economia de El Salvador : uma dimensão de gênero / Juliana Mércia Guilherme Vitorino. - Recife: O autor, 2012.

100 f: Il., 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Marcos Costa Lima

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Pós –Graduação em Ciência Política, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Ciência Política. 2. América Central – Migração. 3. Família. 4. Identidade de Gênero. 5. Economia. I. Lima, Marcos Costa. (Orientador). II. Título.

320 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2012-98)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, por todo amor e dedicação, pelo apoio incondicional, por me ensinarem a entender o que significa fazer as melhores escolhas, por me ensinarem tanto com poucas palavras.

A Aleksander Aguilar, por compartilhar visões, pensamentos e planos, por me ajudar a entender o meu amor pela América Central, pela presença constante ainda que houvesse distância, por dividir comigo tantos caminhos e me incentivar a dar passos que eu, sozinha, nunca teria dado.

AGRADECIMENTO

Ao Professor Marcos Costa Lima, por aulas inspiradoras, que deixaram sempre inquietações e motivações de pensar o mundo, pela enorme sensibilidade de orientar um projeto sobre a América Central em um país que parece não se interessar por aquele istmo. Agradeço pela experiência enriquecedora que, por diversas vezes, me fez sentir feliz por haver tido a oportunidade de compartilhar esse tempo de aprendizagem e pesquisa.

Aos Professores Felipe Reis Melo e Remo Mutzenberg pelas ricas contribuições durante o processo de qualificação deste trabalho.

À Susan Lewis, que continua inspirando pessoas ao compromisso de cumprirem seu papel no mundo. Suas palavras e reflexões ainda estão vivas em mim e surtem efeitos inesperados. Agradeço, também, por aceitar o convite, formando parte da banca examinadora desse trabalho, que, para mim, significa compartilhar um pouco mais de seu conhecimento nesse momento importante de minha formação.

À Capes, pelo apoio financeiro durante grande parte do período desta pesquisa, através da bolsa de estudos vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política da UFPE.

Aos meus pais pelo amor, paciência e apoio, pela força e ânimo que me deram tantas vezes, sobretudo, durante o período de quase isolamento para redação desta dissertação.

A Rodrigo Albuquerque, por continuar sendo um exemplo para mim. Agradeço pelo incentivo e apoio dado desde a minha graduação e até hoje. Este mestrado é a prova cabal de seu incentivo e puxões de orelha.

Aos meus companheiros de mestrado pela convivência e aprendizado compartilhado, pela linda diversidade. E, em especial, a Vico Denis, pela boa vontade sempre presente e pelo almoço semanal transformado em terapia de grupo. E a Mariana Yante, pela lindeza de sua presença, pela genialidade e

simplicidade, pela pessoa de caráter irretocável que nunca mediu esforços pela coletividade.

A Manuella Donato, companheira de graduação, de DABRIU, de voluntariado e de trabalho, meu modelo de agitação. Dividir esse mestrado contigo foi uma das coisas mais bonitas que já pude fazer. Agradeço a amizade, o companheirismo, a cumplicidade e o amor que sempre pautou a nossa relação.

A Aleksander Aguiar, grande responsável por minhas revoluções. De ti aprendo todos os dias e agradeço por poder compartilhar tanto contigo. Obrigada pelas madrugadas de estudo, pelas semanas de stress e pesquisa devidamente recompensadas com bons resultados. Obrigada porque me reconheço em ti, porque sou parte do que construímos.

*“Repensar o que significa ser latino-americano hoje é,
portanto, interpretar a persistência e as mudanças de uma
história conjunta em permanente negação”.*

Néstor Garcia Canclini

Latino-americanos à procura de um lugar neste século

SUMÁRIO

Índice de Tabelas	11
Índice de Gráficos	11
Lista de Abreviaturas	12
Mapa 1: El Salvador	14
Mapa 2: O caminho para o norte – travessia via terrestre através do México..	15
Resumo	16
Abstract	17
1. INTRODUÇÃO	18
2. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E SUAS DINÂMICAS NA AMÉRICA CENTRAL	23
2.1 TIPIFICAÇÃO DA MIGRAÇÃO NA AMÉRICA CENTRAL	29
2.2 CARACTERÍSTICAS DAS MIGRAÇÕES HONDURENHAS	33
2.3 CARACTERÍSTICAS DAS MIGRAÇÕES GUATEMALTECAS	35
2.4 A TRADIÇÃO MIGRATÓRIA SALVADORENHA	36
2.5 PERCEPÇÕES GERAIS DA MIGRAÇÃO NA AMÉRICA CENTRAL	45
3. <i>EL SALVADOR, PAÍS MÍO, NO EXISTES</i>	48
3.1 COM O OLHAR PARA O NORTE	51
3.2 AS REMESSAS FAMILIARES NA ECONOMIA DE EL SALVADOR	53
3.3 A RELAÇÃO REMESSAS <i>VERSUS</i> POBREZA	61
3.4 REMESSAS PARA O DESENVOLVIMENTO?.....	65
4. QUESTÕES DE GÊNERO E MIGRAÇÃO NA AMÉRICA CENTRAL	67

4.1 LARES CENTRO-AMERICANOS NOS ESTADOS UNIDOS: MARCAÇÕES DE GÊNERO	68
4.2 POBREZA, EDUCAÇÃO E TRABALHOS “TIPICAMENTE FEMININOS”	70
4.3 MULHERES MIGRANTES E SAÚDE PÚBLICA	73
4.4 ASPECTOS ECONÔMICOS E ENFOQUE DE GÊNERO	75
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
5.1 DO GÊNERO	85
5.2 DOS DADOS INVESTIGADOS	88
5.3 CONCLUSÃO	88
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Principais correntes migratórias para países desenvolvidos	28
Tabela 2: Salvadorenos removidos dos Estados Unidos, por status criminal, por ano	44
Tabela 3: Fluxo de remessas anuais em El Salvador – 2000 a 2011, em milhões de dólares	59
Tabela 4: Montante mensal e porcentagem de remessas recebidas por estado	59
Tabela 5: Porcentagem de famílias com e sem remessas – ingresso mensal, por estado	60
Tabela 6: Porcentagem pobreza em El Salvador, incluindo ingresso de remessas.	61
Tabela 7: Ingressos monetários anuais de famílias centro-americanas nos EUA ...	69
Tabela 8: Situação de pobreza - famílias centro-americanas nos Estados Unidos..	71
Tabela 9: Dez principais ocupações de salvadorenos e salvadorenhas nos Estados Unidos	72

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Estados Unidos como destino	32
Gráfico 2: População salvadorenha nos Estados Unidos	52
Gráfico 3: Quadro comparativo de ingresso de capital externo – 1978 e 2006	57
Gráfico 4: População economicamente ativa, em números absolutos e por sexo ...	78
Gráfico 5: Porcentagem de remessas investidas em gastos diários	84

LISTA DE ABREVISTURAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

AI – Anistia Internacional

AOD – Ajuda Oficial para o Desenvolvimento

ARENA – *Alianza Republicana Nacionalista de El Salvador*

BCR – Banco Central de Reservas

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

CA-4 – *Centroamérica 4* (El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua)

CAFTA – Acordo de Livre Comércio América Central e Estados Unidos

CEPAL – Comissão Económica para a América Latina e Caribe

CIA – *Central Intelligence Agency*

ERP – *Ejército Revolucionario del Pueblo*

Falange – *Fuerzas Armadas de Liberación Anticomunista de Guerra de Eliminación*

FAO – Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação

FAS – *Fuerzas Armadas Salvadoreñas*

FDR – *Frente Democrático Revolucionario*

FMLN – *Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional*

FPL – *Fuerzas Populares de Liberación*

IED – Investimento Externo Direto

INM – *Instituto Nacional de Migración*

IRCA – *Immigration Reform and Control Act*

MS -13 – *Mara Salvatrucha*

M-18 – *Mara Barrio 18*

Nacara – *Nicaraguan Adjustment and Central American Relief Act*

OIM – Organização Internacional para as Migrações

ONU – Organização das Nações Unidas

ONUSAL – Missão de Observação das Nações Unidas em El Salvador

Orden – *Orden Democrática Nacional*

PDC – *Partido Demócrata-Cristiano*

PCS – *Partido Comunista Salvadoreño*

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PRTC – *Partido Revolucionario de los Trabajadores Centroamericanos*

RN – *Resistencia Nacional*

TPS – *Temporary Protected Status*

UNFPA – Fundo de Populações das Nações Unidas

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNIFEM – Fundo das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero

MAPA 1: El Salvador



Fonte: CIA, 2012.

El Salvador, menor país das Américas, localizado ao sul de Honduras e a Oeste da Guatemala, não tem saída para o Oceano Atlântico. O espaço físico salvadorenho é caracterizado pela presença de montanhas e vulcões (extintos ou em atividade). É uma região de freqüentes terremotos e abalos sísmicos, os quais, segundo Sue-Montgomery & Wade (2006), causam destruição e mortes em massa a cada ciclo de 15-25 anos. Na pequena área de 20,935 km², vive uma população que não chega a 7 milhões de pessoas, mas faz de El Salvador o país com maior densidade populacional da América Latina: 300 pessoas por quilômetro quadrado.

MAPA 2: O caminho para o norte: travessia via terrestre através do México.



Fonte: Anistia Internacional (2010)

De acordo com a Anistia Internacional (AI), nove em cada dez migrantes que empreendem, por via terrestre, a travessia do território mexicano, em direção aos Estados Unidos, são centro-americanos. A maioria sem permissão legal de entrar ao país, mas todos com a esperança da construção de uma vida longe da pobreza, do desemprego, da fome, da exclusão, da violência (AI, 2010).

Não é possível saber ao certo quantos migrantes percorrem o território mexicano para chegar aos Estados Unidos. As estatísticas são aproximações baseadas no número de detidos e deportados pelo Instituto Nacional de

Migración (INM). Em 2009, 64.061 estrangeiros tiveram sua entrada impedida. Desses, 60.383 eram pertencentes aos países do CA-4¹ (AI, 2010).

¹ O Acordo de Controle de Fronteiras Centro-américa 4, ou CA-4, é composto por: El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua.

RESUMO

A primeira metade do século XX foram os anos de maior migração em massa da história. Com o passar dos anos, esse fluxo diminuiu e a principal hipótese é que as pessoas tenham sido represadas por guerras e/ou restrições políticas. Hoje, o desequilíbrio do desenvolvimento mundial, o desrespeito aos direitos humanos, a porosidade das fronteiras e a busca por melhores ofertas de trabalho são os principais motivos pelos quais as pessoas migram. Neste contexto, as remessas têm adquirido um papel chave na vida de quem fica.

Somente em 2009, na América Central, as remessas dos emigrantes a seus países de origem totalizaram mais de 11,6 bilhões de dólares. Em El Salvador, por exemplo, as remessas chegam a compor 16% do PIB. Os homens são os que emigram em maior quantidade, mas a feminização da migração é um aspecto que já não pode ser negligenciado. Cada vez mais mulheres migram e sustentam suas famílias desde o exterior e, as que ficam, são responsáveis pelo gerenciamento doméstico do dinheiro que chega. Elas têm, também, uma forte presença no setor informal da economia, já que as remessas são aplicadas nas formas mais imediatas de subsistência. A proposta deste trabalho é analisar o papel das remessas familiares na economia centro-americana a partir de uma perspectiva de gênero, considerando o possível protagonismo feminino na gestão dessa realidade singular.

Palavras-chave: América Central; Migrações; Remessas familiares; Gênero.

ABSTRACT

The years 1900 until the Second World War were the years of greatest mass migration in history. After this period and throughout the 20th century, however, the flow decreased and the main hypothesis is that people have been dammed by war and / or political constraints. Today, the imbalance of the world development, the human rights abuses, the porosity of borders and the search for better job offers, are the main reasons for people migrating. In this context, financial remittances have acquired a key role in the lives of those who stay in their original environments.

In 2009 alone, Central America remittances from emigrants to their home countries generated more than 11.6 billion dollars. In El Salvador, for example, remittances make up to 16% of GDP. Men are those who migrate in greater quantity, but the feminization of migration is an issue that can no longer be neglected. More and more women migrate and support their families from abroad and those who remain home are responsible for managing the money that arrives from them. These women have a strong presence in the informal economy, as remittances are applied in the most immediate subsistence. The purpose of this paper is to analyze the role of remittances in the Central American economy from a gender perspective, considering the possible female role in the management of this singular reality.

Key-words: Central America, Migration, Remittances, Gender.

1. INTRODUÇÃO

Os anos 1900 até a I Guerra Mundial foram anos de grande migração em massa da história. Com o passar dos anos, esse fluxo diminuiu e a principal hipótese é que as pessoas tenham sido represadas por guerras ou restrições políticas (HOBBSAWM, 2003). Hoje, o desequilíbrio do desenvolvimento mundial, o desrespeito aos direitos humanos, a porosidade das fronteiras e a busca por melhores ofertas de trabalho, são os principais motivos pelos quais as pessoas migram. Neste contexto, as remessas têm adquirido um papel chave na vida de quem fica.

Somente em 2009, na América Central, as remessas dos emigrados a seus países de origem totalizaram mais de 11,6 bilhões de dólares. Em El Salvador, as remessas chegam a compor 16% do PIB. A feminização da migração é um aspecto que já não pode ser negligenciado. Cada vez mais mulheres migram e sustentam suas famílias desde o exterior e, as que ficam, são responsáveis pelo gerenciamento do dinheiro que chega.

A proposta deste trabalho é analisar o papel das remessas familiares na economia de El Salvador, a partir de uma perspectiva de gênero, considerando o possível protagonismo feminino na gestão dessa realidade singular.

Para proceder a tal reflexão, recorreremos a um tema maior: as migrações internacionais e suas dinâmicas na região centro-americana e, particularmente, em El Salvador, país extremamente afetado pelas migrações em massa e segundo maior receptor de remessas do istmo centro-americano. Isso porque entendemos que as remessas são parte constituinte desse enorme movimento de massas populacionais que migram em busca de melhores condições de vida e desenvolvimento pessoal e familiar. Neste trabalho, analisaremos, especificamente, os movimentos migratórios de salvadorenhos para os Estados Unidos, tendo em vista que este país abriga o maior número de salvadorenhos no exterior. Estimativas dão conta de que no final de década de 1990, existiam aproximadamente dois milhões de salvadorenhos emigrados, dos quais cerca de 800 mil vivem em Los Angeles, mais de 400 mil em São Francisco e 150 mil na área metropolitana de Washington. Hoje, o número total de salvadorenhos no exterior ultrapassa três milhões, dos quais aproximadamente 80% estão nos Estados Unidos. Também

nessa migração para os Estados Unidos existe uma recente particularidade no incremento do número de mulheres. Os dados do Censo estadunidense de 1990 indicam que a porcentagem de mulheres que migraram nesta década se reduziu em relação à década de 1980 de 55% para 46%. Hoje a porcentagem está em 48.3% (Porqué se van? 1997). A redução no número deu-se, particularmente, pela maior participação masculina em grupos políticos, homens que, quando do início das repressões políticas durante a década de 1980, foram impelidos a sair do país.

A escolha por um enfoque de gênero foi pautada na consciência de que é necessária a produção de estudos acadêmicos que incluam as mulheres, grupo historicamente marginalizado nas reflexões políticas e econômicas (TRUE, 2001). Além de evidenciar as desigualdades de gênero, os estudos que levam em conta a perspectiva feminina também são importantes instrumentos para o entendimento da condição da mulher e identificam suas principais necessidades, passo importante na formulação de políticas públicas, por exemplo.

Na compilação de informações sobre remessas, pode-se concluir que o gênero interfere em todo o processo migratório. Assim sendo, podemos afirmar que o gênero importa. O gênero de quem envia e de quem recebe as remessas afeta o padrão de uso do dinheiro e os processos de desenvolvimento gerados a partir da recepção do dinheiro. Em muitos fluxos migratórios as mulheres já são maioria, o que reflete, também, a feminização da mão de obra e do mundo do trabalho.

Para este trabalho, a opção é pelo método qualitativo. De acordo com Dabbs (*apud* Berg, 1989), a metodologia qualitativa não é predominante nas ciências sociais porque requerem tempo, maior esforço para que se mantenham claras as metas a serem alcançadas. O método que escolhemos para formular nossas pesquisas diz muito sobre a maneira como encaramos e percebemos o nosso objeto de estudo. Nesse sentido, optar por um método qualitativo tem a ver com a necessidade de afirmar que as pessoas importam. É, em primeira instância, uma tentativa de não perder o elemento humano da vida social.

A investigação qualitativa é indutiva. Constrói-se a partir da definição de conceitos determinados a partir de dados e não recolhendo dados para analisar um modelo específico ou hipóteses. Trata-se de um modelo de pesquisa flexível, cujas

problemáticas são perguntas mais gerais, para, assim, gerar conhecimento específico. Assim sendo, o objeto é visto como um todo, em uma perspectiva holística. O objeto, que, no caso desse projeto, em última instância, são pessoas, não é reduzido a variáveis. Tratou-se de interpretar as pessoas no contexto de seu passado e entender os comportamentos atuais. É dizer, porque os salvadorenhos começaram a migrar massivamente para os Estados Unidos? Quando isso começou? Quando as remessas familiares começaram a ser importantes para o país? Qual o impacto dessas remessas hoje? E, dentro desse quadro traçado, qual o papel das mulheres na gerência dessa realidade?

A construção desse caminho de perguntas foi necessária para apreender conhecimento detalhado sobre a realidade analisada nesse trabalho. Não se buscou encontrar uma verdade para universalizá-la, mas, sim, entender o problema a partir de várias perspectivas (os que migram, os que ficam, os governos) e construir conhecimento detalhado que desse espaço para as diferentes visões.

A escassez de trabalhos acadêmicos sobre a América Central força uma pesquisa onde prevalecerá a análise de dados secundários obtidos em relatórios, informes, documentos de trabalho e consultorias de organismos internacionais, marcadamente agências das Nações Unidas. Tal escassez, comprovada mediante processo exaustivo de busca de literatura pertinente, também desperta a consciência de que é necessária uma pesquisa exploratória e descritiva acerca da temática e do problema a ser investigado. Portanto, esse trabalho serve também como insumo para pesquisas futuras. Uma escolha de caráter pessoal e que repercutiu metodologicamente, foi a de fazer um esforço por adotar literatura escrita por hispanos ou descendentes de hispanos.

Como estratégia de pesquisa, admitir-se-á que este trabalho é um estudo de caso, que utilizará uma estratégia diacrônica. Para Gil (2008), o estudo de caso é uma forma de delineamento de pesquisa, onde o caso é estudado como um todo, dentro de um contexto ou período histórico definido. Com este tipo de pesquisa, busca-se o “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” (GIL, 2008, pp. 57-58).

Neste sentido, a proposta deste trabalho é produzir maior conhecimento sobre o caso submetido a estudo, gerando aportes para futuros estudos comparativos sobre o tema.

Foi realizada uma revisão de estudos, artigos, teses, dissertações e livros que tratam dos temas migração e remessas. Uma das principais fontes de dados adotada para a construção deste trabalho serão os informes, relatórios e documentos de trabalho produzidos por organismos internacionais que tratem dos temas migração, remessas e gênero. Organismos da ONU, como o PNUD, a UNIFEM e a INSTRAW, além de relatórios da CEPAL foram amplamente utilizados para tal fim.

A dificuldade de sustentação de uma análise de gênero dentro do tema das remessas reside na mesma dificuldade apontada por vários informes de organizações internacionais dedicados ao estudo de gênero: existem poucas investigações que analisam a dimensão da mulher em relação às remessas familiares. E isso também justifica a escolha pelo método qualitativo, uma vez que *“quality refers to the what, how, when and where of a thing, its essence and ambience. Qualitative refers to the meanings, concepts, definitions, characteristics, metaphors, symbols and descriptions of things²”* (Berg, 1989). Ou seja, não será a quase inexistência de dados desagregados que impossibilitará a análise que se pretende fazer neste trabalho.

Também estão presentes elementos contidos na metodologia construtivista. A realidade salvadorenha que descrevemos hoje sempre foi assim? A realidade que vemos hoje era realidade antes? É necessário recorrer a elementos históricos para entender os processos e interações do presente.

Construtivismo, segundo Becker (2009, pp.8), é um modo de ser do conhecimento ou “um movimento do pensamento que emerge do avanço das ciências e da filosofia dos últimos séculos. Uma teoria que nos permite interpretar o mundo em que vivemos (...), sua gênese e seu desenvolvimento”, permitindo a interpretação de

² Tradução livre: O [método] qualitativo se refere ao o quê, como, quando e onde da ocorrência das coisas, se refere a sua essência, a sua atmosfera. O [método] qualitativo se refere a significados, conceitos, definições, características, metáforas, símbolos e descrição das coisas.

fatos colocando-os dentro do movimento da história. Valoriza-se o sujeito na medida em que se valoriza o objeto, e vice-versa. Do contrário, diz Becker (2009, pp.11), “como posso valorizar o indivíduo, subestimando o poder de determinação da sociedade, como posso valorizar a sociedade, subestimando a capacidade de transformação do indivíduo”?

Nos capítulos seguintes, apresentaremos aportes gerais sobre as migrações e suas dinâmicas na América e, mais detalhada e especificamente, em El Salvador e como a diáspora salvadorenha aporta dinheiro para o sustento de suas famílias não emigradas e o impacto desse ingresso de dinheiro na economia salvadorenha. As reflexões contidas neste trabalho foram construídas a partir de uma perspectiva de gênero, não excluindo a perspectiva masculina, mas, mantendo-a a modo de comparação.

2. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E SUAS DINÂMICAS NA AMÉRICA CENTRAL

O termo migração está ligado a vários contextos da vida humana. As pessoas migram para estudar, para reunificar a família, em busca de emprego, na tentativa de encontrar ambiente favorável para seu desenvolvimento e/ou de sua família.

Em Relações Internacionais, a literatura que trata sobre migração é vasta e, cada vez mais, este assunto tem crescido em importância, uma vez que o tema tem sido realidade em um número cada vez maior de vidas.

Autores como Marinucci e Milesi assumem que se trata de um fenômeno planetário, que indica o número de contradições na interação entre relações internacionais e a globalização neoliberal, advindas das transformações socioeconômicas em âmbito global, sobretudo a partir da década de 1970, com a aclamada interdependência das relações.

Denomina-se migração o deslocamento de população que se produz de um lugar de origem a um lugar de destino, acarretando uma mudança de residência habitual. A migração internacional não é um fenômeno novo. De acordo com Scherwinski et al,

“as migrações estão associadas à marcha da humanidade, onde a sua história é adquirida através de uma longa sucessão de migrações, onde as mais antigas remontam dos tempos pré-históricos. Sem elas, ainda hoje a humanidade estaria circunscrita às regiões dos Grandes Lagos, no continente africano”.

Esta é uma colocação abrangente, que inclui como processo migratório a colonização de países, o tráfico de escravos e a conquista de novas terras. O que faz esses movimentos convergirem com os atuais é a motivação econômica.

A primeira teoria sobre a migração é fruto do pensamento econômico neoclássico, baseado na escolha racional, na maximização da utilidade, nos rendimentos líquidos esperados e nas diferenças salariais. Segundo Arango (2000), tratava-se de uma teoria que buscava unir uma perspectiva micro (a escolha individual) com aspectos macro (determinantes estruturais que influenciam as escolhas individuais).

A partir deste ponto de vista, a migração seria o resultado natural de uma má distribuição geográfica da mão-de-obra e do capital. Por isso, existiriam lugares

onde a mão de obra é escassa em relação ao capital, os salários seriam maiores; e lugares onde a mão de obra seria abundante em relação ao capital, o que diminuiria o dinheiro pago pelo trabalho. O resultado desse cenário seria a saída natural de trabalhadores de países onde a mão de obra é abundante e mal paga para países onde a mão de obra é escassa e os salários são melhores. Esse movimento racional das pessoas contribuiria para a distribuição dos fatores de produção e, com o tempo, equiparariam as diferenças salariais. Note-se que esse processo traria consigo o fim das migrações, uma vez que, equiparados os salários e conquistado o bem estar, já não haveria, de acordo com a teoria neo-clássica, a necessidade de migrar.

Nas décadas de 60 e 70, essa visão começou a cair em descrédito e foi suplantada pela teoria da dependência, ideologicamente situada em seu extremo oposto, com forte influência do marxismo e uma análise histórico-estrutural. O dependentismo via os processos sociais em termos de conflito e não de equilíbrio. De acordo com Arango (2000), *“la evolución del capitalismo había dado lugar a un orden internacional compuesto por un núcleo de países industrializados y una periferia de países agrícolas, unidos por relaciones desequilibradas y asimétricas”*³. Trata-se do postulado básico da Teoria da Dependência, em que o desenvolvimento dos países ricos - o centro do sistema - dependia da exploração dos países mais pobres - a periferia do sistema - que, nessa condição de subordinação, não chegavam a desenvolver-se.

Sobre os processos migratórios, *strictu sensu*, o dependentismo, porém, não tinha muito a dizer, considera Arango (2000), o desuso da teoria neo-clássica deveu-se em maior medida por conta das mudanças na natureza e características da migração do que pelos aportes insuficientes da teoria da dependência.

A interdependência aumentou a heterogeneidade e a complexidade das migrações, construindo uma realidade pouco compatível com aquela descrita por autores neo-clássicos. E, nesse sentido, é que Arango enumera dois pontos que fazem o neo-classicismo ser contestado: o primeiro é que se movimentem tão poucas pessoas, dadas as diferenças de ingresso, salário e bem-estar existentes nos dias atuais. Ou

³ Tradução livre: A evolução do capitalismo deu lugar a uma ordem internacional composta por um núcleo de países industrializados e uma periferia de países agrícolas, unidos por relações desequilibradas e assimétricas.

seja, se as pessoas migram racionalmente, o número de migrantes, hoje, deveria ser bem maior do que, na realidade, é; o segundo problema é a impossibilidade da teoria neo-clássica de explicar a migração diferencial, ou seja, aquela em que em alguns países mantém índices altos de emigração enquanto outros, estruturalmente parecidos, não.

Contemporaneamente, não é possível entender os processos migratórios a partir de uma teoria unidimensional, em que apenas o lado econômico é levado em conta. A dimensão política – e, com ela, a social – é importante para entendermos que o mundo não é um tipo perfeito e que as escolhas não são motivadas apenas por processos racionais e cálculos de custo-benefício. A adoção de políticas restritivas, por exemplo, reduzem a mobilidade das pessoas ou, pelo menos, as influenciam a buscar outros meios de migrar – legal ou ilegalmente – a outros lugares com políticas mais flexíveis.

Um ponto importante para explicar a migração internacional é entender a dinâmica da reprodução do modo de produção capitalista dos países centrais para os países periféricos e, logo, incorporando novas regiões a uma economia cada dia mais unificada. Arango (2000) cita como exemplo desse processo as dinâmicas de empresas multinacionais de países desenvolvidos quando se trasladam a países subdesenvolvidos. A penetração em outro território, transportando uma suposta modernização – para qual não houve preparação -, substituindo práticas tradicionais de trabalho manual e agrícola por protocolos capitalistas, acabaram produzindo uma série de alterações que, com o tempo, entre outras coisas, forçou o descolamento de uma série de trabalhadores que não tinham os requisitos necessários para serem absorvidos pelas multinacionais. Essa massa de trabalhadores desarraigados, então, movimenta-se para os países do centro para ocupar posições em setores que se apóiam da mão de obra barata. E é nesse sentido que Sassen (*apud* ARANGO, 2000, pp. 41) diz que *“la migración funciona, por tanto, como un sistema mundial de suministro de mano de obra”*.

As relações de dependência continuam sendo pautadas e exemplo delas podem ser observadas nos países do chamado Triângulo Norte Centro-americano⁴ - El

⁴ O Triângulo Norte Centro-americano é composto por El Salvador, Guatemala e Honduras. De acordo com documento de trabalho da Coalición Centroamericana para la Prevención de la Violencia

Salvador, Guatemala e Honduras -, países que tem um longo histórico de dependência econômica aos Estados Unidos. Não necessitam dos Estados Unidos apenas para vender suas commodities, precisam dos empréstimos de instituições financeiras para empreender algum intento de melhora na vida de seus nacionais. Precisam dos Estados Unidos para negociar a permanência de seus nacionais naquele país a fim de garantir o envio de remessas para as famílias que já não contam com a capacidade de seus governos de garantir melhores condições de vida.

O intercâmbio desigual entre os Estados Unidos e a América Central produziu um nível de dependência que excede a esfera econômica e adentra na esfera política. O que se verifica não são apenas economias vulneráveis, mas Estados desmantelados que vêm perdendo, progressivamente, a capacidade de conduzir, de maneira autônoma, suas políticas. No entanto, isso não deve gerar o entendimento de que a América Central chegou a este ponto por conta das relações assimétricas com o centro capitalista desenvolvido, ao contrário, essas relações foram assim construídas porque a dependência e a vulnerabilidade já existiam antes. Como diz Marini (2000): “não é porque se cometeram abusos contra nações não industrializadas que estas tornaram-se economicamente fracas, é porque eram fracas que abusou-se delas”, essa afirmação pode ser tranquilamente trasladada para a política. A insustentável situação de dependência e instabilidade que vive a América Central justifica as altas taxas de migração de sua gente para os centros desenvolvidos do sistema-mundo capitalista.

Nos últimos vinte e cinco anos do século XX, a migração internacional tornou-se mais complexa, heterogênea e adquiriu ares globais. Não apenas a Europa deixara de ser a principal região de origem de migrantes, mas as políticas migratórias começaram a ficar cada vez mais restritivas, ocasionando o aumento da imigração

Juvenil (CCPVJ, 2008), trata-se de um processo de integração firmado no interior do Sistema Centro-americano (SICA), firmado em 1991 entre Guatemala e El Salvador, ampliado no ano seguinte com a incorporação de Honduras, com aspirações comerciais apenas. Não obstante, o Triângulo Norte Centro-americano chama a atenção não sobre suas relações comerciais, mas pela aguda crise de segurança e por ser uma das áreas mais violentas do mundo, sendo a violência e seus causantes os principais motivos da enorme massa populacional de milhões de centro-americanos que emigram em busca de melhores condições de vida.

ilegal e dos crimes relacionados ao tráfico humano, como a corrupção e a formação de redes de prostituição (ARANGO, 2000).

O volume de pessoas que, hoje, muda de residência habitual é tão grande que não se pode inferir se esses são movimentos induzidos ou espontâneos. Assim, dizer que as pessoas sempre migraram não explica o que ocorre contemporaneamente. Kurz (*apud* Marinucci e Milesi) é enfático ao dizer que também é uma equivocação assumir que as pessoas migram em busca de algo, como se fosse um processo decorrente de livre escolha: “é um processo coativo. Os pobres são livres para vender sua mão de obra, porém, fazem isso porque não tem condições de controlar a sua existência. A transformação da sociedade capitalista em âmbito mundial produziu uma sociedade de exclusão”.

No relatório da FAO sobre insegurança alimentar, de 2003, a América Central era a segunda em um ranking que revelava quais eram as regiões mais afetadas pela fome no mundo. Ainda neste mesmo relatório, encontra-se que das quase 850 milhões de pessoas que passam fome no mundo inteiro, 798 milhões viviam em países em desenvolvimento. Uma em cada duas crianças não tem alimentação adequada ou acesso à água tratada. De acordo com relatório da Unicef (2004), “o problema não é a falta de alimento, mas a falta de vontade política”. É dizer, a existência de governos nacionais que não implementam políticas públicas para essas populações que, sem saída, migram; e governos estrangeiros que tentam frear as migrações com políticas migratórias criminalizantes e restritivas, que, por sua vez, estão intimamente ligadas às causas do aumento do número de migrações clandestinas ou ilegais.

Nas Américas, os Estados Unidos seguem sendo o país principal de destino dos migrantes. Em 2010, 43 milhões de estrangeiros viviam naquele país, onde os hispanos já são 16,3% da população, ou, a maior minoria étnica dos Estados Unidos. Desses 43 milhões, 11,6 milhões são mexicanos. O número de imigrantes em situação irregular diminuiu em relação aos dados de 2007, quando totalizavam 12 milhões de pessoas. Hoje, são 11,2 milhões. As remessas enviadas a partir dos Estados Unidos, contrariando os prognósticos, praticamente não sofreram mudanças e permaneceram estáveis durante a crise econômica. Em 2010, para a América Latina e Caribe, foram enviados aproximadamente 58 bilhões de dólares,

um aumento de 1,2 bilhão em relação a 2009. No entanto, a recessão econômica gerou debates ideologizados⁵ sobre a migração, sobretudo a ilegal, ocasionando malefícios à população migrante, como a não aprovação da *Dream Act*, apresentada pelo Congresso estadunidense em 2010 e que visava regularizar o status migratório de jovens migrantes; e a aprovação da lei migratória Estado do Arizona, lei do Senado estadunidense, n. 1070, que, entre outros dispositivos, autoriza que policiais possam interrogar qualquer pessoa que levante suspeita sobre sua situação migratória (OIM, 2011).

Apesar da crise econômica de 2008, o número total de migrantes no mundo não decresceu, o que houve foi a redução de algumas correntes migratórias para países desenvolvidos, como mostra a tabela a seguir (OIM, 2011).

TABELA 1: PRINCIPAIS CORRENTES MIGRATÓRIAS PARA PAÍSES DESENVOLVIDOS

PAÍS	IMIGRANTES 2008	IMIGRANTES 2009	IMIGRANTES 2010
Estados Unidos	-	1.130.818	1.042.625
Reino Unido	505.000	470.000	-
Espanha	692.228	469.342	-
Suécia	-	83.763	79.036
Nova Zelândia	63.910	-	57.618

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Organização Internacional das Migrações (OIM, 2011).

A migração internacional converteu-se em característica da globalização. Em 2010, estimou-se que o número total de migrantes no mundo era de 214 milhões de pessoas, essa cifra representa ao redor de 3% da população mundial, mais que a população brasileira. Segundo dados do UNFPA, 34% dessas pessoas encontram-

⁵ De acordo com o *Informe sobre las Migraciones en el Mundo 2011*, feito pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), as atitudes em relação à migração estão ligadas à disponibilidade de postos de trabalho. Os nacionais de países que detém maior grau de desigualdade (o relatório indica o coeficiente de gini como parâmetro) sentem-se mais inclinados a considerar que os nativos devem ser prioridade no mercado de trabalho. Ainda, revela o Informe, países com PIB elevado têm atitudes negativas acerca da autorização do ingresso de estrangeiros, mas tendem a ter um mercado mais receptivo, uma vez que os estrangeiros conseguem ingressar.

se no continente europeu, 23% na América do Norte, 28% na Ásia, 9% na África e 3% na América Latina e Caribe (UNFPA, 2006; OIM, 2011).

A migração é a materialização das contradições norte-sul e ocorre em um contexto de globalização dos mercados laborais e é impulsionada pelo desequilíbrio do desenvolvimento mundial, falência local de empresas, diferenças acerca do entendimento sobre os direitos humanos e porosidade das fronteiras. Nacionalmente, as demandas básicas da população não são atendidas e estas vêm como saída a procura de um destino onde exista demanda laboral que proporcione o sustento e o desenvolvimento pessoal e familiar. É parte de um fenômeno contínuo que tem suas origens nos problemas estruturais de cada um dos países e, adicionalmente, no caso da América Central, da relação política fragmentada dos países da região (HILY, 2003).

2.1 TIPIFICAÇÃO DA MIGRAÇÃO NA AMÉRICA CENTRAL

Na América Central, o tema migração é algo recorrente. Trata-se de um assunto que afeta diretamente a milhares de famílias em toda a região, que conta com números tão impressionantes que fez o relatório do UNFPA (2004) caracterizasse esta como uma “avalanche incontrolável”. É dizer, as estratégias de migração são elementos intrínsecos à vida na América Central, estão profundamente arraigados na dinâmica da vida e da busca do desenvolvimento pessoal e familiar da população do istmo.

A abordagem do fenômeno migratório na América Central deve considerar os seguintes pontos (CEPAL, 1999):

- a. As migrações centro-americanas são parte de um fenômeno que tem suas raízes nas formações sociais e problemas estruturais dos países do istmo;
- b. Os deslocamentos tiveram grande incremento com os conflitos sociais e políticos ocorridos na década de 1980 e 1990 em El Salvador e Guatemala e, anteriormente, na Nicarágua, em 1960-1970;
- c. O contexto de globalização dos mercados laborais também não pode ser esquecido, e, em certa medida, esse contexto possibilita a migração, dado que nos países de destino, existe demanda de mão-de-obra que os

imigrantes ocupam. Pode-se inferir que as migrações vão em direção a lugares onde se considera que existe oferta de trabalho ou, pelo menos, a lugares que absorverão rapidamente os migrantes. As migrações são feitas, frequentemente, em situação de emergência. De uma forma geral, os migrantes centro-americanos saem de seus países sem uma oferta de emprego;

- d. Os movimentos de população propiciam mudanças aceleradas nas comunidades de origem, trânsito e destino. Até então, apenas os temas tocantes às remessas tem sido explorados. Existem outras dimensões, como a cultural, a política e a de gênero que têm sido pouco valorizadas e até mesmo conhecidas.

Paralelamente, existe uma ausência generalizada de políticas de desenvolvimento rural e agrária, em resposta à concentração de terras, que segue sendo o principal entrave ao desenvolvimento das comunidades centro-americanas mais pobres. Além disso, o investimento produtivo e a geração de empregos formais são outras áreas carentes que acabam por não reter mão-de-obra na região.

Segundo Gamboa (2003), é possível identificar três períodos do processo migratório centro-americano:

- a) Agro-exportação e modernização, a partir da segunda metade do século XIX, e caracterizado pela incipiente formação de mercados de trabalho regionais, migração interna de indígenas e abandono das terras ancestrais, exploração de mão-de-obra e trabalhos forçados nos cafezais e canaviais centro-americanos;
- b) Migração forçada durante os conflitos armados, marcado pelo exílio de perseguidos políticos e a fuga de camponeses em busca de um lugar seguro. As cifras oficiais do ACNUR, órgão da ONU que ficou a cargo dos cuidados a essa população centro-americana, atentam que o período de guerras produziu cerca de 116.000 refugiados. No entanto, estima-se que o número pode chegar a dois milhões de pessoas que fugiram, em sua maioria, para os Estados Unidos.
- c) Transnacionalização laboral e globalização da América Central, marcadamente no período pós-guerra.

De países como Nicarágua, Guatemala e El Salvador, envoltos em enfrentamentos entre o governo e grupos guerrilheiros, fugiram milhões de pessoas, criando um novo padrão migratório para a região. A finalização dos conflitos armados, especialmente aqueles que chegaram ao fim via assinatura de acordos de paz, casos de El Salvador e Guatemala, supunha a realização de uma série de reformas políticas e econômicas. Em outras palavras, não era necessário garantir apenas um armistício, mas, também, caminhar no sentido de eliminar as causas da guerra. O que ocorreu nos dois países, no entanto, foi uma reforma política parcial e uma reforma econômica que acabou por promover um novo modelo de acumulação de capital e exclusão social (TORREZ, 2000).

As condições de vida depois das guerras civis na América Central não mostraram melhora para grande parte da população. A recorrência à ajuda internacional e aos empréstimos financeiros para recuperar a infra-estrutura dos países, levou a região ao endividamento e à dependência externa.

Os esforços feitos no sentido de promover o desenvolvimento social não conseguiram ajustar ações para atender às necessidades das populações nacionais. De acordo com a CEPAL (2004, pp.18), *“se continúa observando que los niveles de educación, salud, vivienda y capacitación para el trabajo, entre otros, son bajos, y que esos índices son ampliamente extendidos entre la población centroamericana, con la única excepción de Costa Rica⁶”*.

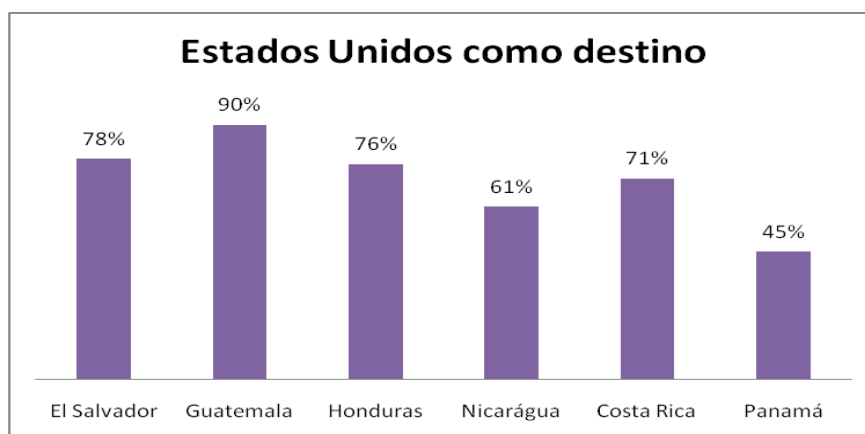
A paz não teve o impacto esperado e milhares de migrantes juntaram-se ao já enorme contingente de refugiados para inserirem-se no mercado de trabalho estadunidense (CEPAL, 2004). O elevado número de centro-americanos que entraram nos Estados Unidos nos anos 1980 fez com que surgissem mudanças nas leis de imigração, bem como concessões de asilo e permissões para residência. Como grande parte dessas pessoas estavam indocumentadas, novas políticas tiveram que ser implementadas no decorrer da década para acolher os milhares de centro-americanos que já haviam se instalado em território estadunidense.

⁶ Tradução livre: Continua-se a observar que os níveis de educação, saúde, moradia e capacitação para o trabalho, entre outros temas, são baixos e, ainda, que esses índices são amplamente estendidos entre a população centro-americana, com a única exceção de Costa Rica.

É dessa época, por exemplo, a *Immigration Reform and Control Act* (IRCA), que visava estancar o intenso fluxo de imigrantes indocumentados em todo Estados Unidos a partir da imposição de sanções a quem empregasse imigrantes indocumentados e explorassem a condição desses imigrantes para pagar salários mais baixos e explorar mão-de-obra de pessoas não autorizadas a trabalhar nos Estados Unidos. A reforma também previa uma série de anistias: imigrantes ilegais que viviam continuamente nos EUA antes de 1º de janeiro de 1982 poderiam solicitar o visto de residência a partir de 4 de maio de 1988 (GAMMAGE, 2005a).

Na mesma lógica do IRCA, veio uma série de *Temporary Protected Status* (TPS). Os salvadorenhos foram o primeiro grupo de imigrantes a fazer uso do TPS, em 1990. Este status dá a nacionais nascidos no estrangeiro (*foreign-born nationals*) status de residente temporário e permissão temporária para trabalhar por um período que varia entre seis e dezoito meses. Esses períodos podem ser renovados, mas não garantem direitos permanentes de viver e trabalhar nos EUA, além disso, tampouco é possível obter créditos públicos ou utilizar assistência médica. Ainda, no tocante a reformas migratórias implementadas pelos Estados Unidos, está o *Nicaraguan Adjustment and Central American Relief Act* (NACARA), de novembro de 1997 (GAMMAGE, 2005a).

O gráfico a seguir, retirado de um relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento (2007), demonstra a composição de centro-americanos nos Estados Unidos. Do total de salvadorenhos no exterior, 78% estão nos Estados Unidos; dos guatemaltecos, 90% estão nos Estados Unidos; e 76% dos emigrados hondurenhos estão nos Estados Unidos.



Os maiores fluxos de migração do istmo são de salvadorenhos, guatemaltecos e, nos últimos anos, tem se destacado o aumento de emigração hondurenha. Esses três países conformam o chamado Triângulo Norte Centro-americano, que chama a atenção pela aguda crise de segurança e pela violência, um dos motivos contemporâneos da migração de milhões de nacionais.

2.2 CARACTERÍSTICAS DAS MIGRAÇÕES HONDURENHAS

No caso hondurenho, de acordo com o UNFPA (2009), existe uma relação de causalidade entre migração e pobreza e não existe vontade política para frear a migração internacional, tampouco para promover o uso produtivo das remessas familiares que chegam ao país, fortalecendo um cruel vínculo de dependência. Honduras é o segundo país mais pobre da América Central, sofre, historicamente, com uma brutal desigualdade na distribuição de riquezas e com altas taxas de desemprego. Metade das atividades econômicas do país está ligada aos Estados Unidos, para onde se destina 30% das exportações. As remessas, majoritariamente, vindas dos Estados Unidos, compõem 16% do PIB hondurenho, que é de US\$ 15, 35 bilhões. Ainda, conta com uma população de 8,1 milhões de pessoas, das quais 65% vivem abaixo do nível de pobreza (CIA, 2010).

Existe grande dificuldade de precisar a quantidade de hondurenhos emigrados, sobretudo pelo caráter irregular em que se dá grande parte das emigrações. Instituições de pesquisa privadas e o próprio Banco Central de Reservas hondurenho trabalham com um número próximo dos 800 mil (BCR-Honduras, 2007). O Censo dos Estados Unidos estabelece que, do total de hondurenhos no país, 50.6% são mulheres, evidenciando, também, um processo de feminização da migração hondurenha.

91% dos hondurenhos indicam que a principal motivação em emigrar é a busca por melhores trabalhos, fator intimamente relacionado com o limitado marco de oportunidades sociais e econômicas que enfrenta a população desse país, já que, como na maioria dos países do istmo centro-americano, existe grande dificuldade da economia nacional de gerar ingressos que cubram as necessidades e expectativas da população.

Outro dado de relevância e que justifica a citação feita anteriormente do UNFPA (2009) sobre a perda de capital humano é o fato de que, segundo dados do *US Bureau of Census*, a média de idade dos migrantes hondurenhos é de 32 anos de idade e no que se refere ao nível de escolaridade, para o ano 2000, 35% tinha ensino fundamental incompleto (inferior ao *noveno grado*), 40.9% tinha Ensino Médio e 23% tinha um curso universitário. Essas cifras eram maiores que a média hondurenha à época.

No tocante ao emprego nos Estados Unidos, verifica-se vulnerabilidade feminina, uma vez que existe menos participação delas no mercado de trabalho e, entre elas, maior taxa de desemprego. São 54% de mulheres, acima de 16 anos, trabalhando e uma taxa de desemprego de 6,8%, enquanto 63% dos homens estão no mercado e a taxa de desemprego entre eles é de 6.3%. Tudo isso se reflete nos níveis de pobreza da população hondurenha emigrada residente nos Estados Unidos. 22% das famílias chefiadas por homens vivem abaixo do nível de pobreza. Nas famílias chefiadas por mulheres, esse número chega a quase 40%. Ainda assim, os salários de hondurenhos e hondurennhas no exterior é 13 vezes maior que os salários de seus compatriotas que vivem em Honduras, fazendo com que a ajuda enviada para casa seja um aporte importante tanto para a sobrevivência de suas famílias quanto para a economia do país. No ano 2000, o país contabilizou a entrada de 400 milhões de dólares. Em 2009, o envio de remessas chegou a 2,5 bilhões, aproximadamente 16% do PIB (UNFPA, 2009; BCR-Honduras, 2007).

A tendência migratória em Honduras foi sendo modificada ao longo dos anos. Do total de lares com familiar no exterior, 49% tinham uma mulher como chefe. O dado curioso é que, neste país, os lares chefiados por uma mulher não chega a 25%. Os motivos para a emergência desse fenômeno são variados, entre eles: a emigração anterior do homem, deixando a esposa como chefe da família; a emigração de algum outro familiar da casa é uma estratégia de sobrevivência mais frequente quando uma mulher cuida da família. Das famílias que recebem remessas, 67% estão sob responsabilidade de uma mulher. Prioritariamente, o dinheiro é destinado para o consumo direto (71%), o que sobra vai para os gastos médicos, educação e aluguel. Ou seja, as remessas são usadas como salário e não investimento, não havendo uso produtivo desse dinheiro.

2.3 CARACTERÍSTICAS DAS MIGRAÇÕES GUATEMALTECAS

O caso guatemalteco é ainda mais emblemático, sendo a última fronteira que separa o sul do norte do continente americano, a Guatemala é um país que tem sua dinâmica populacional influenciada pelas constantes entradas e saídas de estrangeiros, que chegam ao país para cruzar a fronteira para o lado Norte do continente e, também, pela saída de seus nacionais que fazem o mesmo caminho que os estrangeiros que por ali transitam. É, portanto, um país expulsor de nacionais e um território de origem, trânsito e destino/retorno de uma população emigrada que vai, em abrumadora maioria, para os Estados Unidos. Cruzar a fronteira tem sido a principal estratégia de sobrevivência utilizada por um amplo número de uma população empobrecida e sem perspectiva de vida digna em seu país.

A Guatemala é o país mais populoso da América Central, no entanto, seu PIB per capita representa apenas metade da média do PIB per capita da América Latina e Caribe, fazendo deste um dos países mais pobres do continente americano. A pobreza entre os indígenas, que formam 30% da população, chega a 76% em um país onde a porcentagem total de pessoas vivendo na pobreza extrema é de 26%. Com a grande quantidade de emigrados para os Estados Unidos, conformando uma das maiores comunidades centro-americanas naquele país, a Guatemala é, também, o maior receptor de remessas da América Central. Com um PIB de \$41 bilhões, a Guatemala tem uma população de 13,8 milhões de pessoas, dois milhões de emigrados e uma força de trabalho de 4,2 milhões de pessoas, das quais mais de 60% atua no setor de serviços do país (CIA, 2010).

A população de emigrados guatemaltecos residentes nos Estados Unidos cresceu aceleradamente a partir do ano 2000. A causa principal é que emigraram em busca de melhores condições de vida, fugindo de um país desmantelado e destruído por uma guerra civil que durou trinta anos, de 1966 a 1996. De acordo com o Censo estadunidense do ano 2000, existiam 480,665 guatemaltecos nos Estados Unidos. Para 2007, a OIM estimou a existência de 1,4 milhão de guatemaltecos em território estadunidense, o que representa 10% da população total da Guatemala (PALMA & DARDÓN, 2008).

A dependência da migração e o impacto que esta tem causado ao país modificou substancialmente a composição econômica do país, que coloca, segundo Palma & Dardón (2008), a atividade econômica micro como relevante, o aporte periférico e rural na dinâmica da economia nacional e a emergência dos povos indígenas como consumidores. Todos os aspectos levantados por Palma e Dardón (2008) estão ligados ao volume de envio de remessas familiares que os emigrados guatemaltecos, sobretudo os radicados nos Estados Unidos, enviam ao seu país de origem. Para 2007, o Banco de Guatemala estimou a chegada de 4,3 bilhões de dólares, cifra recorde até aquele momento. Com a crise financeira internacional, em 2008 e 2009, sobretudo, esse volume retraiu-se, mas, não se afastou muito da casa dos 4 bilhões de dólares.

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM *apud* Palma & Dardón, 2008) a população receptora de remessas na Guatemala é de mais de 3,7 milhões de pessoas, quase 30% da população. Dos receptores, 54,6% são mulheres, cuja média de idade oscila entre 15 e 64 anos e que não tem o ensino primário completo. Trata-se de um grupo economicamente ativo, mas que encontra dificuldades econômicas e sociais em seu país e, portanto, depende do envio de remessas para seu desenvolvimento ou, em muitos casos, sobrevivência.

2.4 A TRADIÇÃO MIGRATÓRIA SALVADORENHA

Para entender a dinâmica migratória salvadorenha que se desenvolve na atualidade, é necessário entender o contexto da guerra civil salvadorenha, nos anos 1980.

El Salvador viveu, de 1980 a 1992, em meio a uma guerra civil que se gestava já desde a década de 1970 – década marcada por fraudes eleitorais e estratégias políticas que privilegiavam a oligarquia salvadorenha, aprofundando as desigualdades econômicas e sociais no campo e na cidade. Como dizem Sue-Montgomery e Wade (2006, pp.43),

“a repressão política e a opressão econômica das décadas precedentes, combinaram-se com a abertura do espaço político nos anos 1960 e início dos 1970 para animar as esperanças de uma mudança democrática, esperanças que seriam abortadas na eleição presidencial de 1972”.

O clima político em El Salvador passou a radicalizar-se à medida em que a população, via sindicatos e igreja católica, começava a se organizar e protestar. Com o desenrolar da década, dezenas de organizações de massa, sindicatos e federações foram criados. No mesmo ritmo, organizações militares e paramilitares intensificaram suas atividades.

A *Orden Democrática Nacional* (ORDEN), criada em 1966, passou a fazer parte da estratégia governamental de acabar com o comunismo, mas de forma mais incisiva: através de doutrinação e assassinatos. Esse tipo de ação deu lugar ao aparecimento de esquadrões da morte, dentre os quais, as *Fuerzas Armadas de Liberación Anticomunista de Guerras de Eliminación* (Falange) e a *Mano Blanca*, dedicadas a espionagem e assassinatos de pessoas organizadas. O Major Roberto D'Aubuisson, quem havia sido diretor de Inteligência do governo salvadorenho, é considerado o principal responsável pelo desenvolvimento desses grupos. O mesmo Major também foi um dos fundadores do partido de direita *Alianza Republicana Nacionalista de El Salvador* (ARENA).

Nesse contexto, a esquerda começou a se organizar e o debate sobre a implementação ou não da luta armada começou em El Salvador. Cinco organizações foram chave nesse debate e na posterior criação da guerrilha salvadorenha, a *Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional* (FMLN):

- *Partido Comunista Salvadoreño* (PCS): organização histórica da esquerda salvadorenha, criado na década de 1920 e invisibilizado pelo governo após o Massacre de 1932. Manteve-se sempre na clandestinidade e é considerada a única organização de esquerda organizada que, apesar da clandestinidade, fez frente aos sucessivos governos conservadores e reacionários de El Salvador. Na década de 1960, tendo Salvador Cayetano Cárpio (mais tarde conhecido como Comandante Marcial) como dirigente, o PCS se dividiu sobre optar ou não pela luta armada. A porção comunista que se colocou contra a estratégia estava baseada nos resultados da insurreição de 1932, que acabou por ser um dos maiores massacres de população civil organizada em El Salvador. Cárpio era um dos mais contundentes defensores da luta armada, mas a maior parte do PCS se mantinha contra. A oposição que Cárpio encontrou, a qual ele chamava de maioria teimosa, o impeliu a buscar novos

rumos para dar vazão a um projeto político e militar que levasse o povo a novos estágios da Luta.

- *Fuerzas Populares de Liberación* (FPL): organização criada por Cárpio após sua saída do PCS, sendo esta a primeira organização político-militar de El Salvador, conceito que acabou por descrever as organizações revolucionárias salvadorenhas daquele período, caracterizando-se por ter, aliado às atividades militares, uma forte base política e ideológica.
- *Ejército Revolucionário del Pueblo* (ERP): originada de um racha do PCS, também aliada à estratégia da luta armada, mas sua composição era mais variada que as duas anteriores. No ERP estava a juventude comunista, a juventude do *Partido Demócrata-Cristiano* (PDC) e componentes da sociedade salvadorenha mais ligados à ideologias de esquerda.
- *Resistencia Nacional* (RN): Facção do ERP, que tinha como principal linha de ação a combinação entre o militar e o político. Tiveram atuação discreta, mas decisiva, com camponeses da área ocidental de El Salvador, onde, junto com a Igreja Católica, através de ações políticas, tiveram importante papel na organização popular da área.
- *Partido Revolucionario de los Trabajadores Centroamericanos* (PRTC): foi criado a partir de um congresso fundador, em 1976. Muitos de seus membros haviam passado pelo ERP e outros sindicatos de esquerda. Seu projeto era regional, pautado na história da América Central. Formalmente, era semelhante à Federação Centro-americana, do século XIX. Além de evocar a Confederação dos Trabalhadores Centro-americanos, da década de 1920, e a luta de Sandino, na Nicarágua. No final de 1980, os vínculos regionais regionais foram rompidos, permanecendo as unidades nacionais.

Nos idos de 1980, cada uma dessas cinco organizações contava com um bloco de massas que legitimava as ações do grupo principal. O PCS, no final de 1979, havia desistido da via eleitoral e incorporou-se à luta armada. Assim, em janeiro de 1980, PCS, RN e FPL se uniram dentro de uma estrutura única, de coordenação compartilhada. Em outubro do mesmo ano, incorporou-se a esse grupo o ERP e,

em dezembro, o PRTC. A união dessas cinco organizações originou a FMLN, que já havia organizado, para janeiro de 1981, a primeira ofensiva guerrilheira que daria início à guerra civil salvadorenha (SANCHEZ-CERÉN, 2008).

As primeiras quarenta e oito horas da Ofensiva Geral demonstrou o poder de mobilização que a FMLN tinha. Vários bairros da capital do país, San Salvador, e outras cidades vizinhas foram tomadas por forças guerrilheiras, evidenciando a falta de organização das Forças Armadas Salvadorenhas (FAS), que, no entanto, retomou a capital em pouco tempo, por conta da também desorganizada estrutura da FMLN. Todavia, nas zonas rurais e algumas cidades mais ao oriente do país, por conta do intenso trabalho de bases que havia sido feito nos anos anteriores, a FMLN teve grande penetração, chegando a comandar alguns municípios e criando uma dualidade de poder: as cidades rodeadas pelo exército e as cidades-base da guerrilha, que se organizaram política e, algumas, até economicamente, através das criação de conselhos municipais e cooperativas.

O começo descoordenado forçou o recuo da FMLN para perto de suas bases em zonas rurais. O governo divulgou que a guerrilha havia sido encurralada e que o risco de uma revolução havia sido afastada. A administração Carter, que já findava nos Estados Unidos, endossou a avaliação do governo salvadorenho, mas ainda, assim, enviou US\$ 19 milhões em ajuda militares, além de patrocinar treinamento militar para garantir que essa situação se sustentasse. No começo do governo Reagan, El Salvador entrou na pauta como área estratégica a ser recuperada. Segundo Sue-Montgomery & Wade (2006, pp. 77):

o novo cenário na administração Reagan em relação a El Salvador, incluía uma vitória militar sobre a FMLN nos próximos sessenta e nove dias". Nesse marco, foi enviada mais ajuda financeira e oferecido treinamento militar intensivo à FAS"

Ainda, Sue-Montgomery & Wade (2006) sustentam que já desde a morte de Monseñor Romero, em março de 1980, todas as formas de protesto não violentas sumiram. Com a Ofensiva, a guerra havia atingido realmente um ponto em que já era difícil voltar atrás. Para aquele momento, ainda que não se pudesse dizer qual grupo levava vantagem no controle de territórios, podia-se dizer que se havia instalado um grande impasse militar.

Começou-se, então, uma história de massacres contra a população civil, no sentido de aniquilar as bases sociais da FMLN. Era a tática de terra arrasada, tática empregada pelos Estados Unidos na Guerra do Vietnã e que foi empregada também em El Salvador após os treinamentos militares recebidos na Escola das Américas, patrocinados pelos Estados Unidos (SÁNCHEZ-CERÉN, 2008).

A matança e crueldade da guerra havia alcançado níveis tão altos que mobilizou, em 1983, a primeira reunião do chamado Grupo Contadora, formado por Colômbia, México, Venezuela e Panamá, que se uniram para pensar uma saída mediada aos conflitos na América Central⁷. O acordo que saiu dessa reunião não foi aceito pelas partes em guerra e os conflitos seguiram durante toda a década de 1980, chegando ao ápice, no caso salvadorenho, em 1984, quando da realização de eleições presidenciais que, ao fim do segundo turno, teve como vencedor, embora contestado, José Napoleón Duarte, da direita ARENA, partido criado por Roberto D'Aubuisson e ligado aos esquadrões da morte.

Até 1987, a guerra salvadorenha entrou no estágio que se conhece por guerra de baixa intensidade, característica dos conflitos que foram levados a cabo naquele contexto de Guerra Fria. No entanto, como sustenta Sánchez-Cerén (2006), o conflito em El Salvador não deve ser reduzido apenas a um conflito que aconteceu no marco da Guerra Fria.

Como recorda Sánchez-Cerén (2006), a guerra de baixa intensidade foi produto do entendimento entre Estados Unidos e União Soviética, produzido no sentido de diminuir o perigo de um enfrentamento nuclear entre os dois blocos em disputa. Nesse sentido, diz Sánchez-Cerén (2006, pp.146), em relação a El Salvador:

En ese contexto, adecuaron su política intervencionista de agresión contra nuestro pueblo, hay muchos datos que lo avalan, aunque es en el Documento de Santa Fe⁸ donde aparece definida de manera integral toda la

⁷ Além de El Salvador, a Guatemala também havia embarcado em uma guerra, que durou de 1966 a 1996.

⁸ Os Documentos de Santa Fé são diagnósticos escritos por equipes da CIA que começaram a circular entre os anos 1980 e 1986, é possível encontrar disponível *online* três documentos, Santa Fé I, II e IV. O nome se deve ao local de redação dos documentos: a cidade de Santa Fé, no estado do Novo México, Estados Unidos. Era clara a influência dual da Guerra Fria nos propósitos dos Documentos, que expressam a preocupação do Governo estadunidense com o possível aumento da penetração comunista/soviética no continente americano, verificando a partir das guerras de guerrilha na América Central, dentre outros fatores.

O governo dos Estados Unidos, acreditando fortemente em uma América Latina como território natural de nações aliadas, não podia permitir que uma ingerência externa desestabilizasse seu poder

concepción militar contrainsurgente que Estados Unidos aplicó tanto en El Salvador como en Nicaragua. La meta concreta de la estrategia norteamericana era disputar las masas a la guerrilla, lo que implicaba incorporar dentro de las estructuras militares del ejército la lógica de la guerra irregular.

Assim, para El Salvador, a guerra de baixa intensidade, afetou a vida de mais de cem mil pessoas, entre mortos, seqüestrados e torturados pelos aparelhos repressivos do Estado, com ajuda financeira e treinamento militar estadunidense.

Em 1987, após as tentativas de Contadora I (1983), apresentou-se uma proposta política conjunta da FMLN e da Frente Democrática Revolucionária (FDR), que visava a negociação de uma saída política ao conflito. Era o Plano Contadora II, que acabou por ser suspenso por conta do recrudescimento da repressão por parte do governo salvadorenho. As frentes urbanas da guerrilha começaram a organizar-se militarmente e, a partir de 1988, a guerra voltou à capital, San Salvador, onde os agrupamentos resistiram a uma campanha militar de 195 dias. A partir de 1989, a FMLN voltou a apresentar uma plataforma de negociação, ao mesmo tempo que seus comandos urbanos resistiam e atacavam as FAS. Nesse sentido, lançou-se a ofensiva “*al tope y punto*”, que deveria empregar força total na ocupação de zonas da capital e da periferia, com ânimo de enfraquecer as FAS e acabar com o conflito. Os bombardeios na cidade mostraram a não rendição do governo, que respondeu a essa ofensiva com o assassinato de cinco padres jesuítas, reitores da progressista *Universidad Centroamericana* (UCA), no episódio conhecido como Massacre da UCA. A guerra havia chegado aos bairros da oligarquia e o governo respondeu com golpes à instituição que havia formado a vários líderes da esquerda salvadorenha.

Apenas em 1990 um protocolo de negociação entre o governo de El Salvador e FMLN foi assinado. Em junho, começaram as reuniões de negociação, no México. Durante o resto do ano e, também durante 1991, houveram várias reuniões, em que se discutiram temas como desmilitarização, democratização, direitos humanos,

em sua própria base de apoio. Para isso, não era necessário apenas manter o *status quo*, mas “*mejorar su posición relativa en todas sus esferas de influencia*”. De acordo com o Santa Fé I, os Estados Unidos estavam colhendo as consequências de duas décadas de negligência com a América Latina, décadas em que os Estados Unidos tentaram amenizar as aproximações da União Soviética com o continente, como no incidente da Baía dos Porcos (1961) e a tentativa de reaproximação das Administração Carter com Cuba. Para contornar os problemas na América Latina, foram feitas propostas nos seguintes campos: militar (quatro propostas), subversão interna (cinco propostas), políticas econômicas e sociais (catorze propostas), direitos humanos e pluralismo ideológico (duas propostas) e relações especiais com o Brasil, México e Cuba (seis propostas).

reconciliação nacional, reformas dos sistemas judicial e eleitoral. Com a criação da Missão de Observadores das Nações Unidas para El Salvador (ONUSAL), as negociações seguiram por temas mais amplos, como segurança pública, economia e, por fim, a reinserção dos combatentes de ambos os lados. Em 31 de dezembro de 1991, na sede da ONU, em Nova York, o governo salvadorenho e a FMLN chegaram a um acordo que pôs fim à guerra. O Acordo de Paz de Chapultepec, como é conhecido, foi assinado no dia 16 de janeiro de 1992, no México.

A finalização dos conflitos armados, especialmente aqueles que chegaram ao fim via assinatura de acordos de paz, casos de El Salvador e Guatemala, supunha a realização de uma série de reformas políticas e econômicas. É dizer, não era necessário garantir apenas um armistício, mas, também, caminhar no sentido de eliminar as causas da guerra. O que ocorreu nos dois países, no entanto, foi uma reforma política parcial e uma reforma econômica que acabou por promover um novo modelo de acumulação de capital e exclusão social.

No caso salvadorenho, apesar da pacificação, o país segue tendo um status de solicitantes de refúgio e emigrados. Há os que, ainda hoje, sentem os reflexos da perseguição do período de guerra (motivados por seu trabalho em instituições de direitos humanos ou comunicação social) e pedem refúgio. E há os que sentem as consequências da guerra: fortes crises econômicas, instabilidade política, altos níveis de violência, entre outros fatores que não têm contribuído para a resolução dos problemas estruturais que, outrora, ocasionaram guerras e seguem açoitando salvadorenhos e salvadorenhas, tais como desemprego, má distribuição de renda, concentração de terras e baixos salários (TORREZ, 2000).

O forte clima de insegurança ainda persiste. De um lado a violência política que acirra os ânimos nos anos eleitorais, dando mostra de que a intolerância política ainda vigora; do outro lado, as *pandillas* (conhecidas como *maras*, em El Salvador) dedicadas ao assalto, assassinato e extorsão, configurando-se com o principal problema de segurança da América Central.

A taxa de homicídios no istmo é uma das mais altas do mundo. Dados de 2006 mostram que a média centro-americana é três vezes maior que a média mundial. El Salvador, Guatemala e Honduras são os países mais violentos. De 2000 a 2006, o

índice de homicídios salvadorenho aumentou de 39 para 65 por cada 100.000 habitantes. Esse salto de violência também aparece, mais recentemente, como motivador da migração.

À época da guerra civil, os jovens saíam de El Salvador para não serem recrutados pelo exército ou pela guerrilha. Hoje, milhares de jovens migram por medo de serem recrutados pelas *maras* que atuam dentro de suas comunidades.

O fenômeno das *maras* é extremamente complexo. Ao mesmo tempo que são produtos da guerra, elas reproduzem a mesma lógica violenta que contestavam no seu início. Por isso, vários analistas afirmam que são grupos meramente calcados no crime e no tráfico de drogas, que usam a violência generalizada como meio para conseguir seus fins.

Estima-se que haja entre 70.000 e 100.000 jovens *mareros* na América Central. Em El Salvador, o número fica entre 10.000 e 15.000. A *Mara Salvatrucha* e a *Mara Barrio 18* são as que detêm maior poder em El Salvador, cada uma com sua linguagem codificada, suas tatuagens e ritos e, em comum, o ódio mútuo e o nascimento nos guetos latinos de Los Angeles. Não existe explicação objetiva para esse ódio, tampouco diferenças ideológicas que façam ambos os grupos estarem em campos opostos (POVEDA, 2009).

Considera-se que a formação inicial das *maras* é de desertores centro-americanos, fugidos tanto do exército, quanto da guerrilha e até mesmo dos esquadrões da morte que aterrorizavam a América Central na década de 1980. Junto a estes, também estavam filhos de gente fugida da guerra, imigrantes econômicos e políticos. Em menos de uma década, esse contingente fez crescer, hierarquizar e expandir uma organização dedicada a defender negócios e territórios através da violência e da extorsão. Primeiramente, surgiu a *Mara Salvatrucha*, em seguida, a *Mara 18*, atuando mais ao sul da Califórnia (POVEDA, 2009).

Em 1996, a adoção da *Illegal Immigration Reform* e do *Inmigrant Responsibility Act*, nos Estados Unidos, possibilitou as autoridades expulsarem mais de 100.000 membros de *pandillas*, detidos naquele país. Sobre isso, diz Poveda (2009):

Rápidamente, ese flujo de delincuencia gangrenó el orden, la paz social y la economía de Panamá, Honduras, El Salvador, Guatemala, Costa-Rica y Nicaragua. Países en los cuales no había antecedentes de una cultura

*pandilleril, hasta que aconteció el regreso luego de la guerra y, sobre todo, tras la deportación. Esta deliberada exportación de pandillas ha hundido a Centroamérica en la violencia*⁹.

TABELA 2: SALVADORENHOS REMOVIDOS ¹⁰ DOS ESTADOS UNIDOS POR STATUS CRIMINAL, POR ANO			
ANO	Condenado por delito		TOTAL
	SIM	NÃO	
1999	2115	2045	4160
2000	2145	2591	4736
2001	1895	2033	3928
2002	1771	2295	4066
2003	2087	3474	5561
2004	2794	4475	7269
2005	2808	5497	8305
2006	3731	7319	11.050
2007	4669	15.376	20.045
2008	4795	15.236	20.031
2009	4859	12.511	17.370
TOTAL¹¹	33.669	72.852	106.521

No entanto, isso não explicaria a magnitude do problema que hoje acomete El Salvador. A violência é um problema endêmico da região, no geral, e de El Salvador, particularmente. As políticas de *big stick*, levadas a cabo pelos Estados Unidos, promoveu intervenções e ocupações militares para salvaguardar posições dos ditadores de turno, aliados do governo do norte. A instalação da *United Fruit Company*, na Costa Rica, possibilitou a implantação de um verdadeiro império bananeiro na Costa da América Central, e, concessão que era, possibilitou, mais uma vez, a intervenção política e, agora, diplomática dos Estados Unidos na política da região, sob os auspícios do conhecido *goodwill* estadunidense. Mais tarde, em

⁹ Tradução livre: Rapidamente, esse fluxo de delinquência gangrenou a ordem, a paz social e a economia de Panamá, Honduras, El Salvador, Guatemala, Costa Rica e Nicarágua. Países nos quais não havia antecedentes de uma cultura *pandilleril*, até que houve o regresso, após o final da guerra e, sobretudo, após as deportações. A exportação deliberada de gangues afundou a América Central na violência.

¹⁰ Importante levar em conta, de acordo com Ruiz (2011), a quantidade de mulheres repatriadas é substancialmente menor que a de homens. Existe o entendimento que mulheres tendem a buscar meios de obter algum status migratório que lhe permita residir legalmente nos Estados Unidos. Outro motivo a ser destacado é que, geralmente, mulheres trabalham em espaços privados, o que diminui as chances de serem abordadas por fiscais de controle migratório.

¹¹ Note-se que a maioria das pessoas deportadas não haviam sido condenadas a nenhum crime. Em 2007 e 2008, comparando com 1999, o número de removidos aumentou cinco vezes. A razão disso foi o endurecimento, salvaguardado pela *Illegal Immigration Reform* e pela *Inmigrant Responsibility Act*, no trato com os imigrantes indocumentados.

1932, especificamente, um levante indígena-popular foi sufocado no banho de sangue de mais de 30.000 mortos, em dez dias de embate, com chancela estadunidense, em El Salvador. Duas décadas mais tarde, mais um golpe militar seria facilitado pelos Estados Unidos, no país. Outros golpes seriam dados nos anos seguintes, até a eclosão de uma guerra civil, em 1980, em que o governo dos Estados Unidos investiu nas Forças Armadas salvadorenhas um milhão de dólares, diariamente, durante os 12 anos do conflito (POVEDA, 2009).

Hoje, sem guerra, ainda circulam mais de 400.000 armas em El Salvador, vendidas a baixos preços, diz Poveda (2009). Doze pessoas são assassinadas diariamente, em um país com aproximadamente seis milhões de pessoas. São aproximadamente 4000 assassinados por ano. Mas, o mais interessante disso tudo é que, da violência atual, atribuída às *pandillas*, o Instituto de Medicina Legal de El Salvador reportou, em 2006, que apenas 11,8% dos assassinatos haviam sido cometidos por *maras*. São desses dados que surgem insumos para referendar a existência de violência política e a ação de esquadrões da morte, além da ação de quadrilhas de narcotraficantes.

Outro ponto importante a destacar é o aparecimento de hipóteses que ligam o surgimento das *maras* com a migração. E, aqui, existe uma via de mão dupla. Fala-se da importação do crime transnacional, a partir das deportações. Mas também, internamente, liga-se esse fenômeno à desestruturação familiar que a migração tem causado. Afora isso, nos Estados Unidos, correntemente, liga-se a imagem do migrante centro-americano à delinquência. E é precisamente esse clima de hostilidades que faz a migração proveniente da América Central ser encarada como problema de segurança.

2.5 PERCEPÇÕES GERAIS DA MIGRAÇÃO NA AMÉRICA CENTRAL

Embora a migração centro-americana seja vista como algo unificado, é dizer, não importa se salvadorenhos ou guatemaltecos, são todos centro-americanos, os modelos de gestão das políticas migratórias são impulsionadas unilateralmente. Segundo a CEPAL (2004, pp. 53),

se encuentra que en estos modelos se ha enfatizado una noción de seguridad nacional que entiende la migración como una amenaza y, con esta visión y las medidas que de ella derivan, se propician situaciones que incrementan los riesgos y las vulnerabilidades que enfrenta la población migrante, así como la violación de sus derechos desde una propuesta amplia¹²

A CEPAL (2004) ainda chama a atenção para a hegemonia dos interesses dos Estados Unidos, particularmente na América Central, nas políticas migratórias. Reformas legislativas, programas e projetos financiados pelos Estados Unidos são a moeda de troca de interesses, onde o aporte financeiro tem influenciado no desenho do conjunto das políticas migratórias da região, cujo objetivo tem sido controlar, deter e penalizar a migração.

Extremamente dependentes dos fundos externos, os governos tem cedido e aplicado leis que parecem não levar em conta o fenômeno migratório que vive a região, incrementando os riscos e vulnerabilidades de suas populações migrantes.

Em Honduras, as principais leis migratórias são dirigidas aos deportados e na assistência direta aos migrantes como ações de proteção de emergência. A sociedade civil hondurenha tem demonstrado preocupação em relação às iniciativas do governo que tem se esforçado em combater a delinquência, adotando a máxima que os deportados são supostos criminosos (CEPAL, 1999).

A Guatemala, por sua vez, tem priorizado leis que garantem proteção ao trabalhador guatemalteco migrante e o combate ao crime organizado, ambas em coordenação mais freqüente com o México, seu vizinho fronteiro e país de passagem de milhões de centro-americanos em situação irregular. Nos últimos anos, houve gestões no sentido de expedir carteiras de identidade guatemalteca para imigrantes indocumentados nos Estados Unidos, que seria uma forma alternativa de prover identificação desses migrantes nos Estados Unidos. Nota-se, porém, que as políticas levadas a cabo pelo governo guatemalteco vão no sentido de implementar

¹² Tradução livre: Verifica-se que nestes modelos, enfatizou-se uma noção de segurança nacional que entende a migração como uma ameaça e, com esta visão e com as medidas que dela derivam, se propiciam situações que incrementam os riscos e as vulnerabilidades que enfrenta a população migrante, assim como se incrementa também a violação de seus direitos, a partir de uma perspectiva mais ampla.

algum controle migratório, sobretudo nos fluxos que se dirigem aos Estados Unidos (CEPAL, 1999).

Por outro lado, El Salvador é considerado o país que tem políticas de atenção ao migrante mais avançadas no istmo centro-americano, tanto no sentido de sua formulação, quanto a sua prática objetiva. O *lobby* direto do executivo federal, que viaja frequentemente aos Estados Unidos, é uma demonstração de que a migração é considerada como preocupação da *high policy*. As pressões do governo têm evitado a deportação de salvadorenhos com *status* irregular e ajudado nas negociações de ampliação do TPS. Entre outras ações do governo, estão os seminários de orientação no uso e envio de remessas, a veiculação nos meios de comunicação de propagandas positivas que realçam o valor e o aporte dos *hermanos lejanos* e o Programa *Bienvenido a casa*”, que é direcionado à orientação e apoio dos migrantes deportados e retornados.

3. EL SALVADOR: “PAÍS MÍO, NO EXISTES”¹³

El Salvador é o menor, porém, o mais populoso e, ambientalmente, o mais degradado país da América Central, terceira maior economia do istmo, com um PIB de 21, 7 bilhões. Com uma população de pouco menos de 6,7 milhões, estima-se que mais de 25% de seu povo emigrou por causa de conflitos políticos e outras causas. Aproximadamente 2,5 milhões de pessoas vivem e trabalham nos Estados Unidos (GAMMAGE, 2005a).

Correntemente, quando se estudam as dinâmicas migratórias em El Salvador, costuma-se ligar o tema ao período da guerra civil, que durou de 1980 a 1992. No entanto, assim como ocorre na América Central, o que Segundo Montes (*apud* RUIZ, 2011) chama de “tradição migratória salvadorenha” foi construída a partir do processo de modernização da economia. Tratava-se de um movimento interno, ocasionado pela ampliação das relações de produção capitalistas, marcadamente da lavoura de café para exportação. Outra parte da mão-de-obra foi atraída do exterior na época das bananeiras hondurenhas ou para construção do Canal do Panamá.

No livro *Dividing the isthmus*, de Ana Patricia RODRÍGUEZ (2009), a autora resgata um trecho do livro “*The Salvadoran Americans*”, de Carlos Córdova, que elenca, pelo menos, seis ondas de imigração salvadorenha para os Estados Unidos:

1. Século XIX, quando membros da elite salvadorenha, dissidentes políticos e trabalhadores em companhias transnacionais deixaram El Salvador para mudar-se, sobretudo, para as cidades de San Francisco, New Orleans e New York;
2. Décadas de 1930 – 1940, quando homens e mulheres do meio urbano e da classe média salvadorenha, com alto nível educacional. Intelectuais,

¹³ Verso do poeta salvadorenho Roque Dalton (1935-1975), constante no poema *El gran despecho: País mío no existes / sólo eres una mala silueta mía / una palabra que le creí al enemigo. Antes creía que solamente eras muy chico / que no alcanzabas a tener de una vez / Norte y Sur / pero ahora sé que no existes / y que además parece que nadie te necesita / no se oye hablar a ninguna madre de ti / Ello me alegra / porque prueba que me inventé un país / aunque me deba entonces a los manicomios / Soy pues un diosecillo a tu costa / (Quiero decir: por expatriado yo / tú eres ex? patria).*

professores, dissidentes políticos e militares que não estavam de acordo com o truculento governo do ditador Maximiliano Hernández;

3. Década de 1940, esta terceira onda migratória foi motivada por conta da aguda escassez, sobretudo no período da II Guerra Mundial, de trabalhadores nos estaleiros navais e outras indústrias estadunidenses. Neste período, as mulheres começaram a migrar em maior número, especialmente, para o trabalho das indústrias têxteis;
4. Décadas de 1960 – 1970. Da onda migratória passada, muitos regressaram ao país quando do fim dos trabalhos nos estaleiros e indústrias estadunidenses. Mas, foi naquele período que começaram a criar vínculos extraterritoriais. Justamente o estabelecimento dessas redes de contato¹⁴ facilitou a quarta onda migratória salvadorenha entre os anos 1960 e 1970;
5. As décadas de 1970-1980 compõem a quinta onda migratória identificada por Carlos Córdova. Trata-se de um grande movimento de massas populacionais que saíram da América Central, sobretudo El Salvador, Guatemala e Nicarágua, países imersos em grandes conflitos armados e intensas crises políticas e econômicas. Estima-se, hoje, que a metade dos centro-americanos que ainda vivem nos Estados Unidos, chegou ao país na década de 1980, documentados ou indocumentados, a pedir asilo no país que, paradoxalmente, era o grande responsável pelas intervenções políticas e militares na América Central.
6. A sexta e última onda migratória é da década de 1990, causada pela desestabilização econômica e falta de empregos. Já nessa época havia estimativas de que 800 mil salvadorenhos viviam em Los Angeles, mais de 400 mil em São Francisco e 150 mil na área metropolitana de Washington.

¹⁴ Quando tratamos de migração, o termo redes de contato ou redes sociais sempre aparece. Não está ligado a uma ferramenta tecnológica, muito menos é um instrumento virtual. De acordo com Arango (2000, pp.41), elas *“pueden definirse como conjuntos de relaciones interpersonales que vinculan a los migrantes o migrantes retornados con los parientes, amigos o compatriotas que permanecen en el país de origen. Estos transmiten información, proporcionan ayuda económica y alojamiento y dan apoyo de distintas formas”*. As redes facilitam a migração no sentido de reduzir as incertezas, também a induzem porque são vitrines de exemplos bem sucedidos. Ademais disso, são identificadas como um dos fatores que explicam a atual onda de movimentos migratórios, porque constituem o nível intermediário entre a adoção de uma decisão individual e os fatores macro que determinam a decisão.

Se um contingente tão grande de salvadorenhos já migrou e outras centenas se vão todos os dias, o que esperar do futuro do país? Até quando os vínculos entre nacionais e emigrados perdurarão?

Imaginemos uma nação como sendo um espaço geral de interação entre indivíduos. Um espaço que gera ações e sentimentos compartilhados entre seus nacionais e esses, por sua vez, cultivam sentimentos e os transmitem como valores comuns que os identificam. As recordações permitem que os migrantes sigam identificando-se com seus compatriotas. Tendo dito isso, como fazer essa engrenagem funcionar se, em um contexto de migração, a nação e parcelas de sua população não são mais um ente uno? A nação fica atrelada às fronteiras e os migrantes encontram-se com outras culturas e formas de vida que também passam a ser suas (PNUD, 2007).

Existem análises que dizem que aos salvadorenhos lhes falta identidade. E, em sentido mais amplo, existe um pobre sentimento de pertença a um país. A migração pode ter sido um fator que agudizou este processo de perda.

Esta idéia fragmentada de nação e identidade é produto tardio na composição da salvadorenidade. O que hoje chamamos de El Salvador, independizou-se no começo do século XIX, juntamente com outros territórios demarcados pelo sistema colonial da época. Era parte do Reino da Guatemala - que compreendia os territórios das repúblicas centro-americanas e Chiapas – que se havia dividido. O que surgiu posteriormente foram as Províncias Unidas da América Central, cujas relações fragmentadas provocaram o fracasso da união daqueles países, que entraram em disputas violentas até a sua dissolução. No meio do caminho, na tentativa de salvar as províncias, veio a anexação pelo México, aprovada por todos os países, menos El Salvador, que teve sua capital invadida e, para resolver o conflito, enviou uma missão a Washington para negociar sua união aos Estados Unidos.

Vem daquela época a situação de desigualdade social, política e econômica. É nesse sentido que a CEPAL (2004, pp.23) afirma que *“los salvadoreños vivieron el periodo postcolonial bajo una especie de estado de excepción permanente¹⁵”*. Sem contar que períodos de guerra e extrema violência seguiram acontecendo durante o

¹⁵ Tradução livre: Os salvadorenhos viveram o período pós-colonial sob uma espécie de estado de exceção permanente.

século XIX (guerras coloniais e pós-coloniais, defesa do território e da independência de El Salvador, enquanto república), no século XX (guerras entre grupos políticos rivais, como o Massacre de 32 e a guerra civil dos anos 80) e no século XXI, as maras, produto da guerra civil que açoita toda a região centro-americana.

A enorme massa de emigrados é, ao mesmo tempo, reprodutora da cultura salvadorenha nos Estados Unidos e reprodutora de seu ambiente estadunidense em El Salvador. Já no século XIX os Estados Unidos tornaram-se parte do imaginário salvadorenho. Nos últimos vinte e cinco anos do século XX, uma parte da população mais pobre vê os Estados Unidos como saída de sua situação de pobreza.

3.1 COM O OLHAR PARA O NORTE

Quando Segundo Montes desenvolveu seu pioneiro estudo sobre a migração salvadorenha para os Estados Unidos, ainda em meio à guerra, em 1987, a principal conclusão foi a de que as famílias dos migrantes vinham de setores da sociedade em que o nível educacional e de ocupação eram mais altos que a média salvadorenha.

Em média, os emigrados dos anos 1980 tinham 8,68 anos de estudo, enquanto nacionalmente, a média, segundo dados do Ministério da Educação, não chegava aos 6 anos. Seguindo o perfil encontrado por Segundo Montes, 60% dos emigrados eram homens, com média de idade de 25 anos. Poucas pessoas migraram sem ter terminado a escola, apenas 5,6%. 4% tinha mais de 50 anos.

Era uma migração predominantemente adulto-jovem, apta a trabalhar e com nível educacional relativamente alto. No entanto, as oportunidades de emprego não correspondiam ao perfil, o que mostra a inexistência de espaço para o migrante, ainda que ele corresponda ao perfil laboral. Esse achado fica ainda mais grave quando encontramos que, hoje, os migrantes salvadorenhos ocupam as mesmas posições. Complementando os dados de Segundo Montes, Ruiz (2011) mostra, com dados de 2008 que a migração agora procede das camadas mais pobres da população, com média de idade de 29 anos. Predomina a migração masculina, ainda que a diferença tenha sido diminuída: 53% são homens, enquanto as

mulheres são 47%. O nível educacional baixou: 53% não concluíram o Ensino Médio, sendo esse um ponto particularmente sensível em El Salvador, uma vez que a evasão escolar tem chegado a níveis preocupantes, indicando que os jovens estão começando a migrar cada vez mais cedo.

Segundo Gammage (2005a), o histórico de migração salvadorenha canalizada para os Estados Unidos é relativamente recente e está ligada às ondas migratórias da época da Guerra Civil, nos anos 1980. Das ondas migratórias anteriores o que se pode verificar é que eram ondas extremamente polarizadas entre pessoas de classes sociais abastadas que iam estudar ou trabalhar fora e o faziam nos Estados Unidos e pessoas que trabalhavam em serviços domésticos, jardinagem e operários.

Após 1992, no pós-guerra, o que nacionais e emigrados se depararam foi com uma economia devastada. As redes de contato estabelecidas durante o período de guerra continuaram servindo aos salvadorenhos que tinham nelas as esperanças de acessar as benesses da economia do norte, sendo os serviços domésticos e a construção civil os principais mercados de trabalho.

O elevado número, sobretudo de guatemaltecos, salvadorenhos e nicaragüenses, que entraram nos Estados Unidos nos anos 80 fez com que surgissem mudanças nas leis de imigração, bem como concessões de asilo e permissões para residência. Como grande parte dessas pessoas eram/estavam indocumentadas, novas políticas tiveram que ser implementadas, no decorrer da década, para acolher os milhares de centro-americanos que já haviam se instalado em território estadunidense. É dessa época, por exemplo, o *Temporary Protected Status* (TPS). Para a década de 1990, os centro-americanos já eram, dentre os estrangeiros nos Estados Unidos, o grupo que mais havia crescido em número (ver gráfico 1).

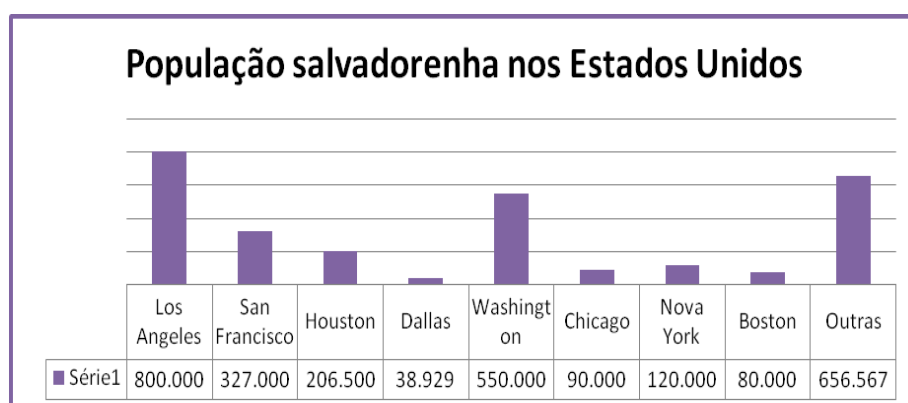


Gráfico 2 | Fonte: PNUD, 2007

Gammage (2005a) é enfática ao afirmar que o que El Salvador mais exporta são pessoas, prioritariamente para os Estados Unidos. As remessas são um ponto de partida crucial para o crescimento nacional, representando mais de 16% do PIB.

A migração massiva de salvadorenhos também é produto da Guerra Fria. As guerras civis centro-americanas, consideradas os últimos conflitos de um mundo bipolar, açoitaram e impactaram não apenas países e suas políticas de segurança. Antes, açoitaram milhares de pessoas, ligadas ou não às partes em conflito. Para muitos salvadorenhos, abandonar o país não era uma opção.

Existia, como escreveu Segundo Montes (*apud* RUIZ), a hipótese de que os salvadorenhos emigrados durante o conflito armado, voltariam ao país em tempos de paz. Mas não existe base para dizer que estes mesmos salvadorenhos estariam dispostos a regressar. Um dado da própria pesquisa de Montes já revelava que a migração para os Estados Unidos tinha um caráter de permanente, de duradouro: 70% das pessoas afirmavam que tinham a intenção de levar a família.

Na realidade, não existiu uma onda migratória no sentido contrário. O percentual de retornados em El Salvador é muito baixo. Poucos voltam. E os que ficaram tornaram-se parte de uma diáspora, a diáspora salvadorenha.

3.2 AS REMESSAS FAMILIARES NA ECONOMIA DE EL SALVADOR

Para instituições financeiras, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o termo remessas está associado a três fluxos de transferências monetárias, quais sejam: remessas de trabalhadores, remuneração de empregados e transferência de migrantes. Esses são os fluxos considerados e que aparecem publicados nos relatórios anuais dessa instituição (OIM, 2006).

Para a Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2010, pp.1), que trata sobre temas relacionados aos migrantes e às migrações, o termo remessas aparece como “transferências monetárias que um migrante faz ao país de origem”. Nesse conceito, entram as remessas individuais ou familiares (enviadas para um indivíduo ou família) e também fundos investidos, também conhecidos como remessas coletivas. Em 2010, as remessas chegaram a 420 bilhões de dólares. O fluxo

majoritário foi do norte para o sul: 317 bilhões foram para países em desenvolvimento (OIM, 2010).

O impacto e o potencial de transformação das remessas podem variar de acordo com o seu tipo. Ao contrário do que se imagina, as remessas assumem variadas formas, dentre as quais os fluxos de dinheiro, bens, idéias e conhecimento através/além das fronteiras dos países.

Gammage (2005b) faz uma tipologia das remessas, colocando-as em três categorias:

1. **Remessas individuais/familiares:** são as que dizem respeito às economias de salário que são enviadas a um indivíduo ou uma família, a partir de meios formais ou informais;
2. **Remessas coletivas:** são as que dizem respeito às remessas enviadas coletivamente de uma organização a outra organização ou comunidade, cujo objetivo é filantrópico ou de caridade;
3. **Remessas sociais,** que dizem respeito a bens imateriais ou que formam bens imateriais. Nesse grupo estão os envios de fotos e vídeos, cartas ou qualquer outro material que gere nostalgia ou sirva para fomentar o sentimento de pertença, o senso de identidade e até mesmo a transmissão de conhecimento.

Para quem envia, as remessas representam a obrigação de pagar uma dívida, o compromisso de sustentar a família ou o desejo de manter laços com o seu país de origem. No entanto, o envio de remessas não é estável e pode variar de acordo com o remetente e com o acesso ou não acesso ao mercado laboral. Homens, mais correntemente, costumam enviar dinheiro. Já as mulheres, além de dinheiro, enviam brinquedos, presentes, fotos e presente, principalmente, através de meios não-formais.

Segundo Montes qualificava as remessas como um aspecto polêmico da migração salvadorenha para os Estados Unidos. Para ele, naquele contexto de Guerra Fria, o tema estava cercado de significado político e interpretado a partir de uma ótica

condicionada politicamente, a partir da ótica dualista comunismo *versus* capitalismo. No entanto, o fato de que enviassem dinheiro, na quantidade que fosse, dizia muito mais sobre a relação familiar que se tivesse do que da motivação para migrar. Era uma questão, portanto, de suprir necessidades de quem havia ficado (RUIZ, 2011).

Em 1987, época do estudo de Segundo Montes, a média de remessas, por família, enviada a El Salvador era de \$113,62 e isso representava aproximadamente 46% dos ingressos da família. Esse dinheiro era destinado aos gastos gerais da casa e dividido para gastos com saúde, educação e, a sobra, para pequenos investimentos ou mesmo economia. A ajuda enviada no primeiro ano, geralmente, era baixa e irregular. A partir do segundo ano, a ajuda tornava-se mais freqüente e os valores tendiam a aumentar. Mas, o que se registrou também é que, com o tempo, as remessas diminuía, porque diminuía a vinculação do emigrado com El Salvador (RUIZ, 2011).

Para 1987, El Salvador já era dependente das remessas. As cifras eram, em determinados intervalos, maiores do que os ingressos atuais. Com o fim da guerra e até metade dos anos 1990, El Salvador teve a segunda mais alta taxa de crescimento da América Latina, 6.5% ao ano, impulsionada pelo aumento da demanda por bens de consumo duráveis, pelo acesso ao crédito e pelas remessas. Existe o entendimento crescente na literatura sobre remessas de que esse dinheiro enviado pelos migrantes teve papel importante no contexto do pós-guerra salvadorenho. Com milhões de emigrados e, internamente, uma grande parcela de desempregados e empobrecidos, a entrada de dinheiro no país amenizou a fome e a pobreza, isso porque as remessas endereçavam-se, sobretudo, às famílias mais pobres (GAMMAGE, 2005b; RUIZ, 2011).

A essa época, grande parte da infra-estrutura do país havia sido devastada, milhares de pessoas haviam mudado de residência habitual e o PIB salvadorenho contabilizava déficits ano após ano. Tais déficits eram amenizados, sobretudo, pelo setor externo da economia.

Algumas reformas macroeconômicas foram colocadas em ação de 1986 em diante e institucionalizadas a partir da negociação de um acordo de ajuste e estabilização, em 1991. O setor externo da economia foi afetado por uma série de reformas que

reduziram tarifas e impostos de importação e instituiu uma taxa flutuação suja¹⁶ em 1990. As taxas de exportação foram eliminadas e foram criadas linhas de crédito especiais para exportação. Monopólios internacionais de café e açúcar foram quebrados e houve esforços de diversificação da base de produtos para exportação. No entanto, essas estratégias mostraram-se falhas. Quando as exportações líquidas são consideradas, esse setor contabilizava apenas 3% do PIB (GAMMAGE, 2005b).

O clima de emergência econômica facilitou a entrada de discurso e práticas neoliberais. De acordo com Alvarez (2011), o modelo neoliberal adotado por El Salvador propunha que o bem-estar humano fosse alcançado através da liberalização individual e empresarial, cabendo ao Estado o papel de garantir as estruturas e aparatos institucionais para que isso ocorresse. O Estado tornou-se, portanto, um mero garantidor de circunstâncias que asseguravam a propriedade privada e a criação de mercados, estimulando a acumulação de capital. Nesse sentido, foram criadas políticas econômicas que levavam em conta a propriedade da terra (em uma estrutura fundiária concentrada) e a exportação dos produtos primários de sempre (café, algodão e banana), justamente os setores cujos donos eram os oligarcas salvadorenos, que se beneficiaram dessas políticas para incrementar suas carteiras de produtos, introduziram as maquilas e investiram no turismo. E, ainda assim, com os incentivos do governo, o país parecia não se recuperar.

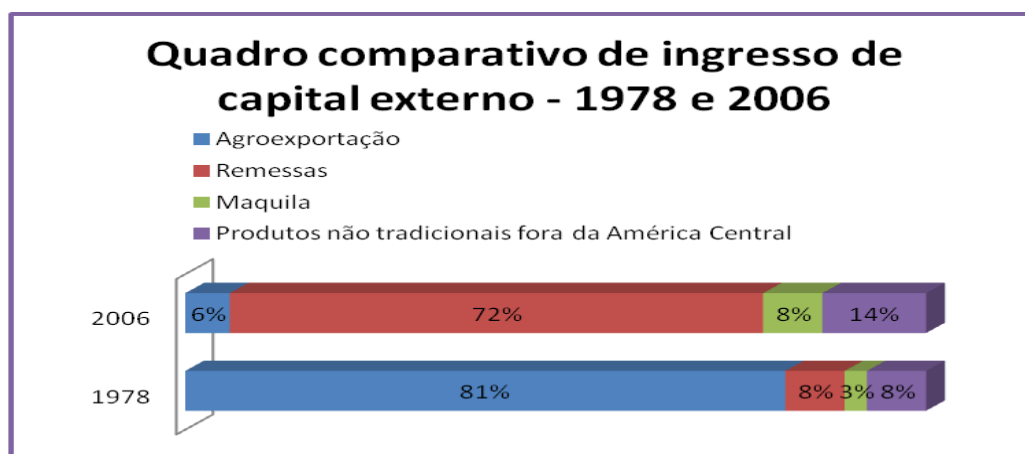
Com Alfredo Cristiani (1989-1994), a ARENA continuou no poder em El Salvador e introduziu as políticas que moldam a economia salvadorenha até os dias de hoje. Alvarez (2011) identifica duas etapas na implementação das políticas neoliberais em El Salvador, quais sejam:

1. O desmantelamento do modelo de industrialização por substituição de importação surgido no marco do projeto de Mercado Comum Centro-americano, nos anos sessenta. Dentro desse contexto, houve desvalorização da moeda nacional (que foi substituída, em 2001, pelo dólar americano), redução de subsídios a produtos básicos, desregulamentação da economia;

¹⁶ Chama-se taxa de flutuação suja a prática intervencionista dos bancos centrais no mercado de compra e venda de moeda, através da compra ou venda de moeda nacional para que esta oscile dentro da banda cambial definida pelo país.

2. Na tentativa de manejar a dívida externa, foram assumidos novos compromissos: privatização do serviço público (telefonia, eletricidade e sistema de pensões) e estabelecimento de impostos regressivos. Destaca-se também, no período, a promoção do livre comércio, cuja materialização foi a negociação do Tratado de Livre Comércio entre América Central e Estados Unidos (CAFTA), em 2007, que resultou na assinatura do acordo, em 2007.

No período pós-guerra, o déficit também foi bastante alimentado pela importação de produtos e pelo aumento do consumo privado impulsionado pelo aumento da entrada de remessas e pela encorajamento de reformas e desregulamentação bancárias que fez crescer a oferta de crédito na área urbana. As reservas nacionais permaneceram baixas até o ano 2000. Durante toda a década dos 90, os investimentos domésticos ultrapassavam o nível das reservas nacionais mostrando a dependência das poupanças externas e da transferência de capital vinda do exterior (GAMMAGE, 2005a).



O governo salvadorenho tem implementado diferentes iniciativas para assegurar o fluxo de migrantes fora do país e dinheiro dentro do país, bem como políticas para facilitar a transferência e investimento das remessas.

De acordo com Santillán y Ulfe (2006), existem iniciativas nesse sentido desde 1959, quando o governo aprovou alguns decretos que serviram como marcos regulatórios para facilitar a transferência de remessas. A adoção de medidas neo-liberais para estabilização da economia, levaram à privatização do sistema bancário, o que incluiu

a permissão de abertura de casas de câmbio e dolarização da economia, a partir de 2001. Esses mecanismos, longe de surtirem efeito direto no interior do país, estavam dirigidos para a captação de migradólares, o dinheiro que salvadorenhos, nos Estados Unidos, enviam para El Salvador. Dentre as ações externas do governo, está sempre em pauta a negociação de TPS, um dos motivos para o empenho é o medo à deportação massiva, que agravaria os problemas sociais que o país já enfrenta, como o aumento do desemprego. E, além disso, a diminuição do fluxo de dinheiro vindo do exterior. O governo tem, então, um duplo papel, muitas vezes contraditório, porque precisa assegurar a residência de salvadorenhos nos Estados Unidos, mas, também, fomentar os vínculos dessas pessoas para que sigam mantendo laços com El Salvador.

Santillán e Ulfe (2006, pp.33) afirmam claramente que *“queda claro que pensar en las remesas como estrategia de desarrollo requiere que la migración sea contínua”*. E existem evidências que apontam para isso. As autoras afirmam que no atual contexto de uma globalização capitalista que continua distribuindo de maneira não equitativa os recursos no mundo, é pouco provável que os fluxos migratórios se retenham. E mais, o provável é que siga incrementando-se. Ainda que existam políticas que afetem negativamente a imigração, sobretudo após a aprovação do *Patriot Act*, nos Estados Unidos, após o 11 de setembro, o fluxo de salvadorenhos indo para aquele país não diminuiu e as remessas, tampouco. Ao contrário, pós 11 de setembro as remessas aumentaram consideravelmente, atingindo seu ápice em 2007.

Da década de 1970 até hoje, as remessas, diferentemente de outros itens da balança externa salvadorenha, só tem aumentado. Com exceção do período de crise econômica internacional, a partir de 2008. Na década de 1970, foram enviados cinco milhões de dólares, em média. Na década seguinte, 1980, o valor ascendeu a 327 milhões, representando cerca de 7% do PIB. Nos anos 90, o ingresso aumentou para 1,1 bilhão, em média e 13% do PIB. Para 2008, as remessas já chegavam a 16% do PIB.

TABELA 3: FLUXO DE REMESSAS ANUAIS EM EL SALVADOR – 2000 A 2011 (EM MILHÕES DE DÓLARES)													
ANO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
2000	132,1	125,9	140,7	121,7	153,4	143,6	152,0	156,2	142,7	159,8	155,6	167,9	1751,6
2001	147,6	147,2	149,6	139,7	179,1	157,8	162,9	166,8	146,7	169,6	158,7	184,8	1910,5
2002	143,3	146,2	157,8	174,2	180,3	167,9	162,2	160,1	150,5	156,5	160,9	175,2	1935,1
2003	146,0	149,1	170,1	177,4	186,1	178,1	175,8	172,8	180,4	181,1	174,8	213,6	2105,3
2004	171,3	170,3	218,4	213,8	220,5	212,6	210,1	224,4	213,5	215,9	230,6	246,2	2547,6
2005	189,7	199,3	250,4	245,5	272,2	250,8	240,9	272,2	245,2	261,5	266,1	323,3	3017,1
2006	237,7	249,8	309,4	274,0	330,0	289,8	284,9	293,7	271,4	301,0	279,5	348,9	3470,1
2007	270,9	269,0	320,2	310,3	338,0	310,0	324,6	313,2	281,6	323,8	283,5	351,1	3696,2
2008	270,5	295,9	338,4	334,4	343,6	332,9	328,8	299,5	303,1	303,0	262,7	329,3	3742,1
2009	248,6	270,9	309,3	281,8	296,3	286,9	275,4	285,2	269,4	278,1	259,0	326,2	3387,1
2010	228,1	263,2	337,0	296,3	319,2	294,2	286,8	287,0	260,5	269,8	262,7	326,1	3430,9
2011	249,2	279,6	335,5	309,2	338,6	299,9	301,4	307,0	286,9	299,4	281,9	360,1	3648,7

Fonte: elaboração própria, a partir de dados do Banco Central de Reservas de El Salvador.

A distribuição dos valores apresentados na tabela 4, mapeados de acordo com os catorze estados do país, se dá da seguinte maneira (RUIZ, 2011):

TABELA 4: MONTANTE MENSAL E % RECEBIDA POR ESTADO		
Estado	\$ mensal	% remessas
Cuscatlán	1144.721	1,74
Ahuachapán	2194.796	3,33
Cabañas	2263.815	3,44
Morazán	2315.978	3,52
Chalatenango	2777.361	4,22
La Paz	3439.235	5,22
Sonsonate	4006.268	6,08
Santa Ana	5593.190	8,49
La Unión	5870.605	8,92
La Libertad	7456.264	11,32
San Salvador	15060.029	22,87

TABELA 5: PORCENTAGEM DE FAMÍLIAS COM E SEM REMESSAS – INGRESSO MENSAL, POR ESTADO			
Estado	Com remessa	Sem remessa	Total
Cuscatlán	12,53%	87,47%	100%
San Salvador	18,02%	81,98%	100%
Ahuachapán	18,08%	81,92	100%
La Libertad	19,75%	80,25%	100%
La Paz	21,07%	78,93%	100%
Sonsonate	21,13%	78,87%	100%
Santa Ana	27,19%	72,81%	100%
San Vicente	27,39%	72,61%	100%
Usulután	29,95%	70,05%	100%
Chalatenango	34,06%	65,94%	100%
Cabañas	35,95%	64,05%	100%
San Miguel	36,59%	63,41%	100%
Morazán	36,64%	63,36%	100%
La Unión	50,76%	49,24%	100%
Média	24,44%	75,56%	100%

Fonte: RUIZ, 2011

A partir dos dados ilustrados na tabela 5, podemos interpretar que o Estado que abriga mais famílias receptoras de remessas, é La Unión, com 50,7%, seguido por Morazán (36,6%) e San Miguel (36,6%). Nesses casos, as famílias receptoras estão, em sua maioria, localizadas na zona rural.

Em termos de volume, cuja distribuição está ilustrada na tabela 4, San Salvador é que recebe mais dinheiro: 22,8% do dinheiro que ingressa no país. No caso de San Salvador, quase a totalidade das famílias receptoras encontram-se no perímetro urbano.

A pobreza atinge 40% dos lares salvadorenhos. 12,4% da população vive na pobreza extrema. Na cidade, os pobres são 35,7% e os extremamente pobres, 10%. Na área rural, a pobreza atinge 50% das famílias, a pobreza extrema, 17,5%. Autores como Gammage (2005a) e Ruiz (2011) sustentam que a situação poderia ser pior sem as remessas.

Tabela 6: Porcentagem de Pobreza em El Salvador - incluindo ingresso de remessas		
	Incluindo ingresso de remessas	Excluindo ingresso de remessas
Pobreza extrema	5,7%	37,3%
Pobreza relativa	20,1%	18,8%
Não pobres	74,2%	43,9%
Coefficiente Gini	3,661	9,244

Fonte: RUIZ, 2011.

Nota-se a importância das remessas em paliar a pobreza em El Salvador e, junto a isso, evidencia-se a dependência externa de um país que depende das remessas para sobreviver. Como diz Segundo Montes (*apud* RUIZ, 2011, pp. 81):

*y si bien esta dependencia es más fuerte en los estratos más bajos y en las zonas rurales del país, en donde los servicios básicos dependen de la llegada de la remesa, la situación macroeconómica del país también se mantiene frágil y dependiente*¹⁷.

3.3 A RELAÇÃO REMESSAS VERSUS POBREZA

Os migrantes que obtiveram sucesso no exterior, segundo Gammage (2005a), contribuíram para aumentar a entrada de divisas no país e tirar seus familiares da extrema pobreza, injetando dinheiro dentro da desproporcional pobreza das comunidades rurais. Em 1998, na área urbana, 29% dos lares que declararam receber remessas eram pobres, enquanto 34% dos lares que não recebiam remessas eram pobres.

Não existem pesquisas que analisem os efeitos *ex anti* e *ex post* da migração, mas existem evidências que indicam que a pobreza, coincidentemente, começou a cair quando as remessas aumentaram.

A diáspora salvadorenha, aproximadamente três milhões de pessoas, já foi explicitamente tratada como mercadoria pelo governo direitista da Aliança Republicana Nacionalista (ARENA), quando chegou a declarar que os salvadorenhos no exterior eram a *commodity* mais valiosa do país. As remessas

¹⁷ Tradução livre: E essa dependência é ainda mais forte nos estratos mais baixos e nas zonas rurais do país, onde os serviços básicos dependem da chegada das remessas. A situação macroeconômica do país também se mantém frágil e dependente.

familiares enviadas correspondem a 16% do PIB salvadorenho. E o que se criou foi uma dependência em dois níveis: familiar e estatal. As famílias são o motivo do envio de dinheiro a El Salvador. Bancar a sobrevivência de pais, mães, filhos e filhas é a principal motivação de quem manda remessas. Macroeconomicamente, as remessas são, em El Salvador, a segunda maior fonte de entrada de divisas no país. Qualquer sinal de endurecimento nas políticas migratórias ou crises econômicas internacionais afetam não apenas o núcleo familiar, mas a economia do país como um todo. Acaba existindo aqui uma dependência indireta a outros países. Cerca de 26% dos lares salvadorenhos declaram receber ajuda de familiares residentes no exterior. (BID, 2007; RODRÍGUEZ, 2009).

Reconhecendo a importância do papel que jogam os migrantes e as remessas na economia salvadorenha, o estado salvadorenho tem tentado canalizar e aumentar as remessas para o desenvolvimento: encorajando seu investimento em projetos coletivos que gerem emprego e provejam estrutura básica.

O BID e o Banco Mundial estão incentivando programas governamentais no sentido de captar remessas individuais e coletivas e, nesse sentido, organizam conferências e encontros de formação sobre o uso individual e coletivo das remessas em toda a América Latina. Por toda a região esforços têm sido feitos para formalizar as redes de envio de remessas no sentido de afastar canais ilegais de envio, aumentar a captação de remessas através de grandes bancos e serviços financeiros oficiais e estimular o uso produtivo individual e coletivo das remessas. Esse interesse não surpreende, desde 2004, as remessas, na América Latina, quase alcançaram os 40 bilhões de dólares. Esse montante excede os fluxos combinados de Investimento Externo Direto (IED) e o líquido da Ajuda Oficial para o Desenvolvimento (AOD) para a região.

Em 2008, a América Central recebeu 12 bilhões de dólares em remessas familiares. Em 2009, por conta da forte crise financeira que colocou a região em alerta, as remessas sofreram uma pequena queda, como mostra o gráfico abaixo, mas, ainda assim, a região centro-americana recebeu 11,6 bilhões de dólares. Por conta da crise financeira global, El Salvador fechou as contas com um PIB que se contraiu em 3,5% em 2009, ano em que as remessas chegaram a 16% do PIB salvadorenho. Em 2010, os fatores que fizeram com que o país obtivesse alguma melhora econômica

foram as exportações e as remessas familiares que não se reduziram tanto quanto se havia prognosticado (BID, 2009).

O informe *Las remesas de los emigrantes: experiencias de la CEPAL en Centroamérica* (1999), produzido pela Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) defende a necessidade de um Estado facilitador “*que promueva el desencadenamiento del potencial de estos cuantiosos fondos ante el aumento de dinero enviado por los inmigrantes a sus países de origen*”. Apesar de verificar que a tradição salvadorenha da migração, como chamou Segundo Montes, não é algo decorrente diretamente da guerra civil dos anos 1980, o advento das remessas, no volume em que é conhecido hoje, sim, está ligado a aquela onda migratória. E isto está ligado, sobretudo, conforme o informe da CEPAL (1999) com o esgotamento dos padrões de desenvolvimento (lembrando, ainda, que se trata de uma economia frágil, baseada na exportação de poucas *commodities*), na persistência de desigualdades sociais e instabilidades sócio-políticas, cujo auge aconteceu na década de 1980, com a guerra.

Com isso, defende a CEPAL (1999) que é insuficiente analisar a dimensão das migrações internacionais sem levar em conta a sua inter-relação com os processos de desenvolvimento. Nesse sentido, as remessas familiares figuram como “*una expresión económica de la mayor inportancia*¹⁸”, uma vez que é um componente que afeta diretamente as famílias e (também diretamente) o país.

El Salvador é o segundo maior receptor de remessas da América Central. O que o país oferece, em troca das remessas, é a garantia de negociação permanente para que cada vez mais salvadorenhos possam legalizar sua situação migratória e, assim, possam enviar remessas por meio das redes bancárias oficiais.

Existe, ainda, todo um mercado que é acessado pelos emigrados. São os chamados “mercados da nostalgia”, que compreendem desde lojas de comidas típicas, supermercados com mercadorias tradicionalmente centro-americanas, pacotes telefônicos especiais para ligações internacionais, etc. São formas de capitalização

¹⁸ Tradução livre: Uma expressão econômica da maior importância.

incentivadas pelo próprio governo salvadorenho e que já são internalizadas pela população. A construção do termo “*hermano lejano*” é um exemplo disso. Transformar os imigrantes em pessoas “relativamente distantes” é uma forma de alimentar a nostalgia e o sentimento de querer ajudar ao país. Salvadorenhos emigrados viajam a El Salvador como se fossem turistas, gastam dinheiro na vasta indústria de serviços que emprega 60% da população economicamente ativa de El Salvador, fazem viagens no interior do país, pagam impostos turísticos, comem comida típica e, com isso, movimentam um grande mercado criado para absorver, além de turistas, emigrados. O *hermano lejano* acaba sendo mais um estrangeiro em El Salvador, de quem se busca capitalizar pelo bem da economia nacional (RODRÍGUEZ, 2009).

A imagem do *hermano lejano* é também explorada no sentido de mostrá-lo, em peças publicitárias, governamentais ou não, como exemplos de superação, de aproveitamento de oportunidades, de coragem por deixar a família em busca de uma vida melhor. A construção dessa imagem pode ser perigosa, sobretudo em um país que não tem investido em políticas públicas eficientes para acabar com a histórica expulsão de seus nacionais. É dizer, é possível interpretar que o envio de remessas sustenta parte da economia salvadorenha, então, seria verdadeiro interpretar que existe, direta ou indiretamente, o incentivo a emigração como forma de atrair dinheiro através das remessas? (RODRÍGUEZ, 2009)

Não se pode negar os impactos positivos das remessas. Famílias e países se sustentam com esses ingressos, afinal. Não obstante, uma leitura exageradamente positiva pode acabar por mascarar a situação de abandono das populações centro-americanas. As remessas são importantes, portanto, por causa da inoperância estatal e da escassez de projetos de desenvolvimento que façam as famílias não mais dependerem de ajuda externa. O envio de dinheiro, ao mesmo tempo que alivia a situação de pobreza, sustenta uma lógica em que as remessas são base da estabilidade macroeconômica da região: criam um consumo artificial, alavancam o setor de serviços - em detrimento do setor produtivo - e a atividade bancária, diminuindo a responsabilidade social do Estado em garantir o bem estar da população.

3.4 REMESSAS PARA O DESENVOLVIMENTO?

A situação de vulnerabilidade das famílias salvadorenhas, paliadas pelo recebimento de dinheiro, acabou por transformar a migração em parte indispensável da engrenagem que faz o modelo econômico funcionar. Quando falamos das remessas coletivas, o cenário também é similar.

Apenas em Los Angeles, cidade com maior número de salvadorenhos nos Estados Unidos, existem 48 organizações de salvadorenhos que proporcionam ajuda financeira direta a El Salvador. Várias dessas organizações tornaram-se parceiras de prefeituras ou de conselhos municipais na promoção de ações de melhoria da infra-estrutura local: recapeamento de vias públicas, construção de estádios municipais, ampliação de cemitérios, reforma de parques, eletricidade para os lugares mais remotos dos estados e compra de equipamentos de informática para complexos educativos (GAMMAGE, 2005a).

A notoriedade desses fatos tem crescido ao ponto de acreditar-se que essas ações podem influenciar a política interna salvadorenha, ajudando, inclusive, a despolarizar o jogo político-partidário. Se isso se confirma, os migrantes poderiam romper com o infrutífero modelo econômico vigente em El Salvador.

Pensada a partir de um modelo teórico neoliberal, o tratamento dado às remessas para o desenvolvimento não se aplica à realidade salvadorenha. Pensar na população receptora de remessas como empresários pode ser compatível quando existem políticas que garantam acesso à educação equitativa, acesso à informação e a créditos e uma gama de serviços públicos que permita aos cidadãos abrir mão da saúde e educação privadas e possam ter direito a acessar um sistema de pensões. Do contrário, as remessas seguirão servindo de salário, seguro desemprego e aposentadoria.

Wise, Covarrubias e Ramírez (2009, pp.28), confrontam o postulado¹⁹ básico das remessas para o desenvolvimento, sobretudo num contexto em que a economia mundial vem adquirindo ares de *“expansión capitalista extensiva y contradictoria*

¹⁹ A premissa básica para esse tipo de remessa é a de que a migração contribui para o desenvolvimento dos lugares de origem.

fincada en la incorporación masiva de fuerzas de trabajo barata y modalidades extremas de explotación de fuerza de trabajo²⁰”.

Segundo os autores, acreditar na migração como uma fonte de desenvolvimento que adquire dinâmica própria e dota os mais pobres de poder econômico é uma contradição. Justamente porque é o subdesenvolvimento e os processos de reestruturação neoliberal que aprofundam o próprio subdesenvolvimento e incrementam as diferenças entre o Norte e o Sul. As condições econômicas de algumas populações criam, na verdade, uma migração forçada, caracterizada pelo processo de expulsão da população precarizada que fazem o movimento do Sul para o Norte.

Neste sentido, a imagem eminentemente positiva das remessas para o desenvolvimento, é uma imagem fetichizada do processo migratório, já que apresenta o migrante como fonte de capital (WISE, COVARRUBIAS & RAMÍREZ, 2009).

Há uma parte considerável de migrantes, sobretudo mulheres, que enviam remessas por meios não-formais, que são entregues diretamente à família. Ou seja, como não passam por bancos ou outra instituição financeira oficial, os governos não tem como taxar esses ingressos para canalizar recursos em projetos comunitários. Este é um dos motivos pelos quais o BID (2007) chama as remessas familiares de dinheiro invisível, que entra em um país, é gasto e como não é investido, é pouco útil para o país.

²⁰ Tradução livre: [A economia mundial vem adquirindo ares de] expansão capitalista extensiva e contraditória, fincada na incorporação massiva de força de trabalho barata e modalidades extremas de exploração de força de trabalho.

4. QUESTÕES DE GÊNERO E MIGRAÇÕES CENTRO-AMERICANAS

Dos mais de 200 milhões de migrantes internacionais, quase metade são mulheres. Diversos estudos falam da migração como um fenômeno crescente que tende a feminizar-se como resposta, entre outras coisas, à incorporação crescente de mulheres às atividades produtivas remuneradas.

As facilidades tecnológicas, as informações sobre oportunidades distantes e facilidade de deslocar-se a grandes distâncias em um período de tempo relativamente curto, são vistos como incentivos à migração de um número cada vez maior de latino-americanos e caribenhos. As mulheres formam parte desse contingente populacional, só que agora no papel de trabalhadora e não somente de acompanhante, como ocorriam em décadas passadas (OIM, 2011; PNUD, 2007).

Muitas delas decidem migrar, optam por buscar novas oportunidades. Porém, muitas ainda se vêem obrigadas a fugir de guerras, perseguições políticas ou das cruéis condições impostas pela pobreza. Há, ainda, as que são forçadas a fugir de um contexto familiar hostil, onde sofrem violência ou abusos. Ou, ainda, são induzidas por criminosos a sair do país e acabam vítimas de seqüestros e de redes de prostituição (CEPAL, 2005b).

Também existem os casos em que a mulher não é vítima. Nesse grupo, se sobressaem as solteiras, jovens e com formação profissional. Existe uma crescente preocupação internacional no tocante às vulnerabilidades dos migrantes de um modo geral. O crescente número de casos de violações de direitos humanos desta população, sobretudo de mulheres e crianças, colocou luz sobre o assunto.

A década de 1990 da ONU foi dedicada a uma série de Conferências e Encontros mundiais que não só discutiram, mas aprovaram diversos instrumentos jurídicos que visavam à defesa dos direitos humanos. Durante esse período, estabeleceu-se a Relatoria Especial para os Direitos Humanos dos Migrantes, composta para atuar como mecanismo de pesquisa, vigilância e supervisão. Entre os entendimentos obtidos dessa relatoria, destacam-se:

- A ausência de um conceito geral de migrante: a proposta feita pelo órgão foi adotar como conceito “pessoas que estão fora do território de seu Estado de nacionalidade ou cidadania, que não estejam sujeitos a sua proteção jurídica”;

- Aportes acerca do entendimento da vulnerabilidade que, no marco onusiano, supõe uma condição imposta a uma pessoa pela estrutura de poder de um país.

Também fruto das preocupações gerais são os instrumentos jurídicos que defendem os direitos da mulher migrante. Essas convenções, de acordo com a CEPAL (2005b), são o reconhecimento da condição particular das mulheres migrantes como sujeitos de direito e atuam como marco jurídico, social e político.

Com a aprovação da Convenção Internacional para a Proteção dos Direitos de todos os Trabalhadores Migrantes e seus Familiares, vários outros instrumentos começaram a ser adotados, através dos entendimentos gerados na (CEPAL, 2005b):

- Plataforma de Ação do Cairo, que demandava a assunção de um enfoque global no tratamento das migrações internacionais, com ênfase na atenção aos problemas subjacentes desse fenômeno, enfatizando a importância de resolver o problema da migração irregular;
- IV Conferência Mundial sobre a Mulher, que pôs especial atenção na situação das trabalhadoras migrantes, enfatizando que os Estados reconhecessem sua condição de vulnerabilidade e exposição a maus tratos. Ainda, demandou a criação de redes de atenção à mulher;
- Conferência Mundial de Direitos Humanos, que recomendou aos Estados a criação de condições que promovessem maior harmonia e tolerância entre os trabalhadores migrantes e o resto da sociedade.

4.1 LARES CENTRO-AMERICANOS NOS ESTADOS UNIDOS: MARCAÇÕES DE GÊNERO

Entre a população latina, o desemprego não chegava a mais de 10% antes de 2009. Os desempregados, em sua maioria, eram as mulheres centro-americanas. Os migrantes latinos, em sua maioria, vivem em famílias bi-parentais, ou seja, famílias

caracterizadas pela presença de pai e mãe responsáveis pelo sustento da casa. Entre os centro-americanos, esse tipo de organização familiar corresponde a 61,4% dos lares. Os lares familiares, cujas chefes são mulheres, representam 15,8%, enquanto o mesmo tipo de organização familiar, chefiada por homens, são 8,6%. Nos lares não familiares, os homens-chefe são maioria, 9,4%, versus 4,8% de mulheres (CEPAL, 2005b).

As taxas de desemprego, associadas ao dado anteriormente detalhado, dão conta de que as famílias bi-parentais têm maiores ingressos mensais, 70% têm renda anual média de 25 mil dólares, enquanto 16,9% têm ingresso médio anual maior que 75 mil dólares. As mulheres, em lares familiares e não familiares, no geral, recebem menos que homens, à exceção das mulheres sul-americanas.

Tabela 7: Ingressos monetários anuais de famílias centro-americanas nos EUA		
Tipo de família e total de ingressos	Nº absolutos	%
Família bi-parental	667	23%
Ingressos menores que 19.999		
Entre 20.000 e 34.999	886	30%
Entre 35.000 e 74.999	1030	35%
Mais de 75.000	340	11,4%
Ingresso médio	32.811	
Lar familiar com chefe homem	75	18%
Ingressos menores que 19.999		
Entre 20.000 e 34.999	119	29%
Entre 35.000 e 74.999	156	38%
Mais de 75.000	57	14%
Ingresso médio	36.263	
Lar familiar com chefe mulher	324	43%
Ingressos menores que 19.999		
Entre 20.000 e 34.999	224	30%
Entre 35.000 e 74.999	162	22%
Mais de 75.000	42	5,6%
Ingresso médio	22.518	

Fonte: CEPAL, 2005b.

4.2 POBREZA, EDUCAÇÃO E TRABALHOS “TÍPICAMENTE FEMININOS”.

Desde que o direito à educação adquiriu dimensão universal, o estado educativo da população tem se modificado substancialmente, mas em ritmo diferenciado nas diferentes regiões do planeta e de maneira distinta entre homens e mulheres.

De acordo com o PNUD (2011) essas mudanças começaram a ser mais visíveis a partir do século XX. A educação havia passado de ser um privilégio econômico a direito para toda a população. Até o final do século XX, cerca de 80% da população da América Central deixara de ser analfabeta. A situação era a inversa no século anterior.

Existem situações díspares na região. Enquanto países como Cuba e Costa Rica têm indicadores acima da média europeia, Guatemala e Honduras têm índices parecidos com os de Cuba e Costa Rica, cinqüenta anos atrás (PNUD, 2011).

Ainda que em muitos países as políticas educacionais tenham beneficiado as mulheres, nos países em que a educação ainda é muito desigual, pode-se verificar diferenças de gênero no acesso a este direito. El Salvador é um desses países.

O acesso à educação melhorou de forma lenta nos anos 1970, quando a taxa de analfabetismo era de 42,9%. Após essa década, o país experimentou avanços mais consideráveis, hoje a taxa de analfabetismo é de 17,8%.

Mas, enquanto o nível macro mostra avanço, o nível micro abunda em problemas. Somente metade das crianças que deveriam estar na pré-escola estão matriculadas. O mesmo se repete na educação secundária. Por fim, apenas 24% de quem tem acesso à educação, consegue começar uma carreira universitária. Com investimentos em educação oscilando entre 2,5% e 2,8% do PIB, os problemas estruturais que fazem com a educação salvadorenha tenha baixa qualidade estão ligadas à desmotivação de seus profissionais e a falta de recursos técnicos atualizados (Sanchez-Céren *apud* PNUD, 2011).

Outro resultado do impacto negativo desses problemas é uma estrutura educativa pouco equitativa: 63% da população não consegue ir além da educação primária, 30% consegue terminar o ensino secundário e cerca de 6% consegue terminar a universidade.

Os migrantes centro-americanos são os mais afetados pela pobreza, sendo novamente as mulheres o grupo mais vulnerável: 43,8% das famílias lideradas por mulheres estão abaixo do nível de pobreza. Esses dados, mais uma vez, chamam a atenção para a educação, entendida aqui como direito humano negado ou insuficientemente garantido em seus países de origem. E é a insuficiência dessa educação que faz com que as mulheres migrantes centro-americanas tenham os salários mais baixos. A falta de educação também reflete no parco conhecimento sobre seus direitos, o que aumenta as chances de vivenciar situações de vulnerabilidade durante o processo migratório.

Tabela 8: Situação de pobreza de famílias centro-americanas nos EUA

Tipo de família e situação	Nº absolutos	%
Abaixo da linha de pobreza	663	22,7%
Acima da linha de pobreza	2261	77,3%
Total de famílias bi-parentais	2924	100%
Abaixo da linha de pobreza	70	17,2%
Acima da linha de pobreza	338	82,8%
Total de famílias com chefe homem	408	100%
Abaixo da linha de pobreza	330	43,8%
Acima da linha de pobreza	423	56,2%
Total de famílias com chefe mulher	753	100%
Abaixo da linha de pobreza	1053	26%
Acima da linha de pobreza	3022	74%
Lares familiares, sem distinção de gênero na chefia	4085	100%

Fonte: CEPAL, 2005b.

Existe toda uma literatura dedicada ao fluxo de trabalhadoras domésticas migrantes. Para além dos significados econômicos desse fenômeno, Lipszyc (apud CEPAL, 2005b), explica que a feminização da migração, tal como ocorre,

implica en la generación de un mercado transnacional compuesto por redes de mujeres que desempeñan servicios de trabajo doméstico, cuidados personales, venta callejera, atención de bares y restaurantes u otras actividades reproductivas. La transnacionalización y feminización de la mano de obra son fenómenos que han ido articulándose simultáneamente.

El mercado laboral en su demanda de mano de obra flexible y barata, hace uso de identidades construidas a partir de las relaciones de género²¹.

Tabela 9: Dez principais ocupações - salvadorenhos e salvadorenhas nos EUA			
Mulheres	%	Homens	%
Garçonete	16,6%	Ajudante de obra	6,4%
Cuidado de crianças	5,1%	Motoristas	6,1%
Operadora de caixa	4,6%	Cozinheiros	5,5%
Serviços de limpeza e portaria	4,4%	Jardineiros	4,9%
Cozinheiras	3,5%	Zelador e porteiro	4,5%
Costureiras	2,9%	Carpinteiros	3,8%
Embaladoras	2,7%	Pintura e manutenção	2,7%
Enfermeiras ou auxiliares de saúde	2,6%	Operários de fábrica	2,2%
Secretárias ou assistentes administrativas	2,4%	Mecânicos	2,2%
Representante de venda	2,4%	Ensambladores	2%

Fonte: PNUD (2006).

Nesse sentido, e ainda associado à educação, as discriminações de gênero surgem ainda no país de origem, que não oferecem oportunidades equitativas para que as mulheres vivam, principalmente, em termos de trabalho e educação. Diversos estudos mostram que a pobreza afeta mais às mulheres, por sua participação precária no mercado de trabalho, muitas vezes determinada por trabalhos tipicamente femininos e com salários baixos que lhes garantem menores possibilidades de ascensão ou mobilidade social.

Ainda que existam políticas de promoção da equidade de gênero, o que se verifica é que a inserção das mulheres tem se dado de maneira marginal. A demanda laboral especificamente voltada para a mulher é justamente a que reproduz os preconceitos de gênero e fazem com que esse grupo continue marginalizado. Somado a isso, são postos correntemente associados à migração ilegal, estigmatizando-as e colocando-as em situação vulnerável. Fora que os trabalhos domésticos nem sempre estão

²¹ Tradução livre: [A feminização da migração] implica na geração de um mercado transnacional, composto por redes de mulheres que desempenham serviços domésticos, cuidados pessoais, venda de rua, atendimento em bares e restaurantes ou outras atividades reprodutivas. A transnacionalização e feminização da mão de obra são fenômenos que foram se articulando simultaneamente. O mercado laboral, em sua demanda por mão de obra flexível e barata, faz uso de identidades construídas a partir das relações de gênero.

cobertos pelas leis trabalhistas, o que as deixa desprotegidas no trabalho que realizam.

4.3 MULHER MIGRANTE E SAÚDE PÚBLICA

Os aspectos sanitários e de saúde das migrações também têm uma “marcada conotação de gênero”, como indica relatório da CEPAL (2005b). E esses traços podem ser observados, com mais gravidade, em temas de saúde sexual e reprodutiva, DST, HIV/AIDS e saúde ocupacional. O quadro pode ser ainda pior se juntarmos variáveis como pobreza, etnia e baixos níveis educacionais.

Os problemas relacionado à saúde das migrantes pode ser explicado, grosso modo, passando pelo processo de privatização da saúde e pela precarização dos serviços públicos na América Latina, que força as populações a aderirem a planos de saúde. Nos Estados Unidos, existe a necessidade de pagar por um seguro de saúde. Às mulheres em idade fértil, como a maioria das migrantes latino-americanas naquele país, lhes são cobradas quotas mais caras, posto que à parte da atenção às doenças, elas podem recorrer aos hospitais para partos e acompanhamentos periódicos da gravidez.

As migrantes irregulares estão excluídas do sistema de saúde. Nos serviços públicos, por sua condição de irregular e, nos serviços privados, por não haver condições de arcar com os custos. Em igual condição estão as mulheres vítimas do tráfico internacional de pessoas.

Nesse cenário, as taxas de fecundidade das mulheres migrantes tendem a ser mais baixas. A assimilação da cultura local, somada à dificuldade de acesso à saúde, são dois fatores que incidem nessa mudança. Outro aspecto a ser destacado é que, no trabalho doméstico, elas tendem a cuidar dos filhos de outras famílias, o que as faz adiar a gravidez e até mesmo desistir dela. Quando a gravidez acontece, a mortalidade das migrantes é maior do que a das nativas.

Dito isso, interpreta-se que as migrantes enfrentam situações que atentam contra seu direito de decidir e exercer livremente seus direitos sexuais e reprodutivos.

A contaminação por HIV/AIDS também aparece como preocupação para as mulheres migrantes. O risco se apresenta não apenas para as mulheres que acabam caindo em redes de prostituição.

Estudos do PNUD, divulgados parcialmente através de comunicados oficiais, no final de 2011, dão conta que 60% das migrantes centro-americanas que chegam aos Estados Unidos por via terrestre, atravessando o México, são abusadas sexualmente. O documentário *Los Invisibles*, de 2010, produção mexicana, fez um trecho de um dos trajetos que levam os centro-americanos até a fronteira sul do México com os Estados Unidos. Foram compiladas uma série de histórias de migrantes que decidiram empreender a viagem por um dos caminhos mais perigosos do mundo, dominado pelo narcotráfico e pelas quadrilhas de seqüestro, onde o assassinato é uma constante já naturalizada.

Entre as mulheres, há as que vão em busca de trabalho, as que foram abandonadas pelos maridos já emigrados e que não encontraram saída para sua situação no país em que nasceram. Os relatos das ameaças e medos são os mais variados, mas o principal medo é mesmo do seqüestro. Tratam-se de famílias pobres, que gastam as economias de uma vida na travessia para os Estados Unidos. O seqüestro, muitas vezes, termina em morte.

Os perigos da travessia pelo México são conhecidos. Um número cada vez maior de mulheres já começa a viagem tendo como certo que sofrerão algum tipo de violência física ou sexual e recorrem a injeções contraceptivas. Logicamente, livram-se de uma gravidez, mas não ficam livres de uma doença sexualmente transmissível. Esse tipo de circunstância acaba criando o preconceito de que as mulheres migrantes de países pobres são portadoras de DST.

Outra grave violação dos direitos humanos é o tráfico de pessoas com fins de exploração sexual. Este é um negócio que movimenta de 5 a 7 bilhões de dólares por ano, configurando-se como a terceira maior fonte de ingressos de crime organizado, depois do narcotráfico e da venda de armas (CEPAL, 2005b). De acordo com Harris (*apud* CEPAL, 2005b), as vítimas do tráfico são pessoas de poucos recursos, que não conhecem o idioma, viajam com documentos falsos, não sabem onde buscar ajuda ou temem buscar ajuda por sua condição de irregular.

Mulheres com menos de 25 anos são as vítimas mais comuns. No entanto, tem se estudado a ocorrência de uma nova prática: por medo da contaminação por HIV/AIDS, os traficantes têm recrutado mulheres cada vez mais jovens. Existem casos, inclusive, de crianças de sete anos de idade e de adolescentes virgens. Relatório do UNFPA (2003) traz a informação do governo dos Estados Unidos que estima que entre 700 mil e 2 milhões de mulheres e crianças são vítimas desse crime, anualmente. O tráfico se dá, particularmente, nas zonas fronteiriças latino-americanas.

4.4 ASPECTOS ECONÔMICOS E ENFOQUE DE GÊNERO

Existem estudos que evidenciam as desigualdades entre os gêneros, é dizer, que alguns processos afetam de maneira diferente a homens e mulheres. A análise da política econômica, no entanto, tende a ser feita de maneira homogênea, invisibilizando que tipo de desigualdade afeta a cada gênero e em que circunstâncias isso acontece.

Analisar a economia dessa maneira reafirma um discurso imposto implicitamente de que a economia é um negócio de homens. Referendar essa posição, sob a escusa de que as relações econômicas não são neutras, é não tomar como importante a perspectiva da mulher e isso acarreta a formulação e implementação de políticas que impactam negativamente nas condições de trabalho e, por fim, nas condições de vida das mulheres.

De acordo com Martínez (2006), existem características impostas pela sociedade que definem o masculino e o feminino. Ao homem estão associadas as condutas racionais, a independência, os trabalhos tecnológicos ou considerados complexos, a eficiência e os modos rudes, que os afastam da ternura e da expressão dos sentimentos. Às mulheres correspondem o tradicionalismo, a maternidade, a proteção, o sacrifício. A maternidade, longe de ser uma opção, é uma exigência social que dá sentido à vida da mulher e vira parte de sua identidade. A generosidade e a prudência são traços que advém desse aspecto identitário. Em resumo, a identidade feminina existe sempre em relação ao outro, mas com inferioridade.

Essa distribuição de papéis funciona sob uma lógica em que o gênero é uma característica complementar e isso não ocorre por acaso, ocorre porque o público e o privado são entendidos como esferas excludentes.

Essa representação dicotômica dos gêneros impõe limitações no desenvolvimento pessoal de homens e mulheres, nas esferas pública e privada, e isso se traduz em relações de desigualdade no acesso a educação, ao acesso a tecnologias, ao emprego e ao acesso às estruturas de poder.

Em todo o mundo, as mulheres realizam 60% do trabalho, ganham 10% do total de ingressos e são donas de apenas 1% dos ativos (MARTÍNEZ, 2006).

Martínez (2006) enumera os estereótipos relacionados à mulher no mercado de trabalho, reproduzidos a partir de quem contrata:

- Tendência das mulheres a abandonar o posto de trabalho;
- Trajetória laboral mais curta
- Ausentismo
- Preferência por jornadas de trabalho parcial
- Menor propensão ao uso de tecnologias
- Baixa disponibilidade para ocupar postos de responsabilidade
- Maiores custos trabalhistas por causa do auxílio maternidade.

Os estereótipos que socialmente comporiam a identidade feminina são os que causam os estereótipos no mercado de trabalho. Interessante notar que eles estão relacionados aos papéis familiares, ao cuidado dos filhos. O que no mundo privado é uma virtude transforma-se em preconceito no mundo público, evidenciando que a idéia do que é público e privado, relacionada ao gênero, é excludente. Os preconceitos de gênero servem como legitimadores dos baixos salários e da condição de instabilidade que isso acarreta.

A idéia de trabalho feminino causa um tipo de segregação laboral por sexo que reforça a desvalorização do trabalho realizado por mulheres e cria obstáculos no ingresso das mesmas em pólos de trabalho tidos como masculinos. Isso significa dizer que as relações de gênero

“interactúan con los procesos de mercado e influyen en la distribución de costes y beneficios a que dan lugar a dichas políticas, traduciendo todo ello en diferencias sustanciales entre hombres y mujeres (Azar apud Martínez, 2006, pp.9)”²².

Em El Salvador, os valores patriarcais predominantes conformam os principais fatores que dão origem à discriminação e a exclusão das mulheres na economia.

A mulher-mãe é desencorajada a desempenhar o papel de provedora da família, no entanto, cabe a elas, em caso de abandono, assumir a manutenção do lar e a criação dos filhos. O trabalho das mulheres jovens é visto como algo temporário, que acontece até que ela encontre um parceiro estável. Este é o mesmo perfil que evoca a delicadeza e a prudência como virtudes de uma mulher dedicada ao lar. 32% das salvadorenhas gastam oito horas ou mais nos trabalhos domésticos, por semana, fora a jornada de trabalho remunerado que desempenham.

“O estereótipo da mulher-mãe e homem-provedor influi nos instrumentos de política pública que se adota para apoiar homens e mulheres: para homens política econômica, para mulheres, compensação social” (Martínez, 2006).

A dinâmica demográfica salvadorenha mostra uma evolução particular entre os anos 1950 e 1980 – mulheres e homens tinham peso praticamente igual na composição populacional – e a partir dos anos 1980, quando se verificou uma tendência de diminuição da população masculina. Dados de 2010 mostram que os homens são 47,2% (PNUD, 2011).

Essa informação é reflexo de outros fatores, como a diferença na expectativa de vida entre homens e mulheres, a ocorrência de um conflito armado e a atual conflictividade salvadorenha que tem cobrado a vida de muitos homens. Além disso, a emigração masculina foi maioria desde as primeiras ondas migratórias do início do século XX. Esse aspecto também impacta significativamente na taxa de fecundidade das mulheres que, grosso modo, determina o volume de crescimento da população. Se nos anos 1950 as salvadorenhas tinham em média seis filhos, hoje a média caiu para 2,35.

²² Tradução livre: [As relações de gênero] interatuam com os processos de mercado e influenciam na distribuição de custos e benefícios advindos de tais políticas, traduzindo-se, tudo isso, em diferenças substanciais entre homens e mulheres.

Nas cidades, a composição populacional é mais desigual. A escassez de trabalho no campo faz com que exista migração campo-cidade e, nesse movimento, as mulheres costumam migrar mais porque inserem-se mais rapidamente no mercado laboral, principalmente, nos serviços doméstico e de limpeza. Os homens têm mais dificuldade de acharem vagas a partir da experiência que possuem.

As mudanças na estrutura populacional ocorrem ao mesmo tempo em que ocorrem fenômenos novos na estrutura familiar e na chefia do lar. Um terço das famílias salvadorenhas são chefiadas por mulheres, sendo mais freqüente esse tipo de organização familiar na cidade, onde 36% dos lares tem chefia feminina.

Esses lares têm características bastante particulares:

- A maioria das chefes de família encontram-se em um intervalo de idade que varia dos 40 a 60 anos;
- 85% das mulheres que chefiam lares, em El Salvador, declaram não conviver com um parceiro (esse dado é o contrário com os homens, apenas 15% declaram não conviver com parceira);
- Aspectos relativos à pobreza não diferenciam lares com chefes homens ou mulheres.

A força de trabalho e a população economicamente ativa também tem se modificado. Veja gráfico na seguinte página.

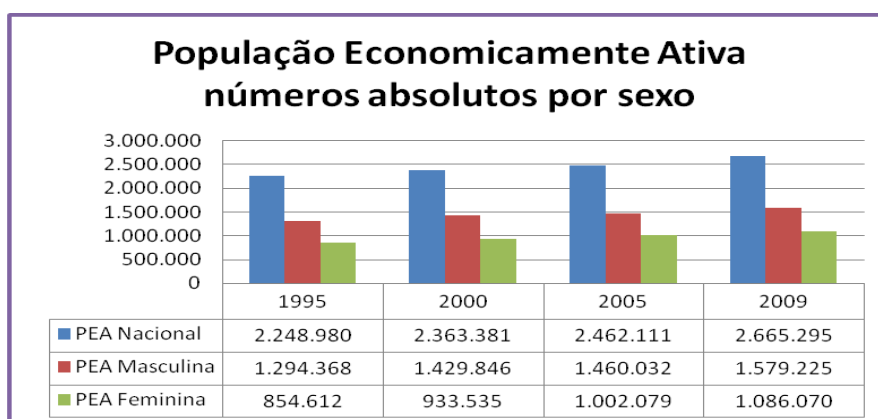


Gráfico 4 | Fonte: PNUD, 2011

As salvadorenhas são 40,7% da PEA. A participação econômica também cresceu, de 35,6% em 1996, para 40,8% em 2009. Para dados nacionais, ainda é pouco, em uma interpretação rápida, significa que, de cem mulheres, 59 são consideradas inativas economicamente. Desagregando os dados por área, a taxa de mulheres ativas sobe para 46,7% na cidade (PNUD, 2011).

A migração traz mudanças qualitativas nas atividades econômicas, sociais e políticas, mudando o papel da mulher para provedora e cuidadora do lar, construindo novas identidades para as mulheres em comunidades que enviam e recebem remessas. O gênero, por sua vez, tem papel determinante na escolha de quem migra, quando migra, sob quais circunstâncias migra e com que recursos migra.

O gênero também define as oportunidades laborais que os imigrantes encontram ao sair do país. Diz Gammage (2005b) que analisando as ondas migratórias de salvadorenhas para os Estados Unidos, verifica-se que as mulheres foram mais rapidamente absorvidas pelo mercado de trabalho nas décadas de 1950 e 1960 como empregadas domésticas, cuidadoras de casa e crianças. Ao passo que nas décadas de 1980 e 1990, houve absorção mais rápida de mão de obra masculina por conta da demanda de empregos na construção civil.

As mulheres têm se beneficiado da migração e da entrada no mercado laboral estadunidense. Gammage (2005b, pp.24) resgata Menjívar e seu estudo sobre os efeitos da migração em mulheres centro-americanas. De acordo com Menjívar, as mulheres guatemaltecas:

viewed their employment opportunities as an essential part of the strategy to improve the collective wellbeing of their families, and consequently, had the support of their male partners and family members. (...) For many women, it is not the sole act of working and earning wages that brings changes to their worlds, but the social organization of their world. The lives of most of these immigrants are structured so that they do not actively interact with the wider society; instead they live, shop, and socialize mainly with other Latinos. However, the organization of women's and men's work differs and it exposes them to dissimilar worlds where they observe behaviors and practices and take in new ideas²³.

²³ Tradução livre: [As mulheres guatemaltecas] viram suas oportunidades de emprego como uma parte essencial da sua estratégia de melhorar o bem-estar coletivo de suas famílias e, consequentemente, tiveram o apoio de seus parceiros homens e de membros de suas famílias. (...) Para muitas mulheres, não é o simples ato de trabalhar e ganhar salários que traz alterações em seus mundos, mas, sim, a própria organização social de seus mundos. As vidas da maioria desses

Continuando a análise, instituições sociais-chave podem influenciar ou até mesmo moldar a decisão de migrar. E essa influência é percebida de maneira diferente entre homens e mulheres. Temas como o casamento, a maternidade, o relacionamento e ação política evidenciam relações assimétricas entre os gêneros. Em um contexto migratório, decisões como a responsabilidade doméstica, o adiamento da maternidade e do casamento podem ser modificadas e, correntemente, esse contexto é visto como uma oportunidade de empoderamento, uma oportunidade de não replicar comportamentos patriarcais na nova realidade. A migração também é, portanto, uma oportunidade de construção de relações mais equitativas.

Muitos autores negam que exista feminização dos fluxos migratórios apoiados em dados que dizem que, na década de 1960, as mulheres eram 46% da população emigrada e, hoje, esse número é de 48,6%, o que demonstra que esse número foi pouco incrementado. Advogam, então, que o esforço por analisar a dimensão feminina é uma concessão às questões de gênero. No entanto, não entram no mérito da transformação dessa população que, àquela época e durante as décadas seguintes, até meados da década de 1980, emigrava para promover a reunificação familiar. Nos dias atuais, cada vez mais mulheres têm emigrado com propósitos meramente laborais e tem sido absorvidas pelo mercado de trabalho. Trata-se, portanto, de transformações no mercado laboral e na divisão do trabalho, tanto nas comunidades que recebem essa mulher, quanto nas comunidades que essas mulheres deixam para trás quando saem de seu país de origem.

Nesse sentido, é preciso afirmar que ainda existem algumas lacunas nas tentativas de incorporação de temas de gênero dentro da análise sobre a migração. As mais evidentes dizem respeito a uma exagerada desproporção na ênfase dada a aspectos masculinos em detrimento das experiências de quem permanece em seu país natal; e, por outro lado, quando a literatura começou a retratar a migração feminina, a ênfase ficou na análise das mudanças ocorridas nas comunidades receptoras de migração.

Sobre isso, Gammage (2005b), enumera alguns aspectos pouco explorados:

imigrantes são estruturadas de uma maneira que eles não interagem ativamente com a sociedade como um todo, em vez disso, eles vivem, compram e socializam com outros latinos, principalmente. No entanto, a organização do trabalho de homens e mulheres é diferente e os expõe a mundos distintos, onde eles observam comportamentos, práticas e entram em contato com novas idéias.

1. **Mudança na estrutura geográfica das comunidades:** em algumas comunidades salvadorenhas a população migrante é composta, em sua maior parte, por homens. O perfil feito na pesquisa dá conta de que 70% dos homens que migram estão na faixa etária dos 18 a 44 anos. Esse dado explica porque mais mulheres têm controlado a tomada de decisão sobre o uso e alocação dos recursos. É dizer, nesses casos não existe mudança na percepção sobre os papéis da mulher, já que a escolha pela gerência não existe;
2. Feminização das comunidades;
3. Desequilíbrio na estrutura etária das comunidades;
4. **Ocupação da força laboral:** de acordo com os dados apresentados na *Encuesta de Hogares de Propósitos Múltiples*, de 1998, feita pelo governo salvadorenho, os municípios com mais emigrados tinham menores porcentagens de adultos trabalhando. As comunidades que apareciam com menos de 20% de famílias de emigrados, tinham, em média, 30% de mulheres e 58% de homens trabalhando. Nas comunidades que apareciam com mais de 40% de famílias de emigrados, tinham, em média, 9% de mulheres e 20% de homens trabalhando.

A participação feminina nos fluxos migratórios tem crescido e, hoje, é praticamente igual à participação masculina. O que diferencia a relação masculina e feminina com (e no) processo migratório é que as mulheres estão mais expostas a uma série de riscos que vão desde abusos sexuais a tráfico de mulheres e prostituição.

Além disso, a mulher migrante, devido ao que culturalmente se assume como responsabilidade feminina, tem maior ligação com o lar, mantém fortes vínculos de ligação com a família e, por conta dessa relação, as remessas enviadas por mulheres acabam servindo de aposentadoria para pais e mães, seguro-desemprego para irmãos e irmãs, além de custear a educação dos filhos e a manutenção da casa (PAIEWONSKI, sem data). Homens e mulheres parecem convergir sobre quem recebe as remessa em seu país de origem. De acordo com a pesquisa conduzida por Gammage (2005b), 35% dos homens e 40% das mulheres, enviam remessas para suas mães. As mulheres constituem 62% dos receptores de remessas

familiares em El Salvador. Essa parece ser, também, mais uma mudança advinda do processo migratório, do estar em contato com outra cultura e modificar pontos de vista em relação ao gênero: confiar à mulher a gerência do dinheiro é uma forma de garantir que o dinheiro será empregado para garantir o bem-estar das famílias.

Na pesquisa conduzida por Gammage (2005b), cujos resultados foram apresentados no *paper Gender, migration and transnational communities*²⁴, 33% dos homens disseram ter migrado para fugir do conflito armado, na década de 80, as mulheres que tiveram essa motivação somaram 24%. 54% dos homens e 49% das mulheres migram em busca de emprego. Todos os homens e 90% das mulheres entrevistadas nessa pesquisa estavam trabalhando. As mulheres trabalham, majoritariamente, no setor de serviços: 90%. Desempenham funções de empregadas domésticas, garçonetes, oficinas.

A proporção de lares chefiados por mulheres que recebem remessas é superior aos chefiados por homens. Em 2007, quando o montante em remessas foi o maior já registrado, as chefes de família que recebiam remessas eram 36,4%, enquanto a chefia masculina que recebia remessa era 21,4%. Em 2008, quando o volume de remessas se contraiu à causa da crise financeira internacional, os lares chefiados por mulheres foram muito pouco afetados, declinando para 35,9%, enquanto a porcentagem de lares chefiados por homens que recebem remessas caiu para 18,5% (PNUD, 2011).

A pobreza afeta 29,4% dos lares receptores de remessa com chefia feminina, em El Salvador. Nos casos de mulheres que não recebem remessa, essa taxa chega a 44%.

O sexo de quem envia o dinheiro influencia o volume, a frequência e o sustento da família ao longo do tempo. A quantidade de dinheiro enviado ao país de origem

²⁴ O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa multidisciplinar, cujo objetivo era explorar as dimensões de gênero na migração salvadorenha, enfocando, particularmente, o uso feminino das remessas familiares e a participação da mulher em redes e organizações transnacionais. O motivador da pesquisa foi explorar as diferenças de gênero e suas implicações na migração, nas atividades das comunidades transnacionais e no recebimento das remessas em El Salvador. Para a pesquisa, foi aplicado um survey em uma amostra de 120 salvadorenhos, residentes em Washsington DC e 40 salvadorenhos residentes no oriente de El Salvador.

costuma ser parecida, no entanto, como as mulheres recebem salários menores, elas acabam enviando uma proporção maior de seu dinheiro, o que implica em maior esforço, maior privação e, em alguns casos, na renúncia da possibilidade de capacitar-se para ascender laboralmente (PAIEWONSKI, sem data).

Além disso, às mulheres migrantes lhes imputam a responsabilidade de sustentar quem fica, de acordo com o estereótipo da “mulher salvadora”, a quem cabe zelar pelo bem estar de seus familiares. Por isso mesmo, as mulheres tendem a sustentar a família por mais tempo que os homens. Estes tendem a desvincular-se com mais facilidade de suas famílias e, não raro, formam uma nova família no novo país de residência, deixando em situação de vulnerabilidade sua outrora companheira, cujo único trabalho era o de criar os filhos. Mesmo nos casos em que as mulheres optam por romper suas relações afetivas, elas ainda continuam vinculadas à família porque continuam a enviar dinheiro para o sustento de seus filhos (DOMINGUEZ & OROZCO, sem data).

Na América Central, quando as mulheres assumem o comando da gerência do dinheiro e podem decidir como ele será gasto, o destino das remessas é cobrir os gastos do lar referentes, principalmente, à alimentação, ao aluguel, educação e na compra de bens de consumo. O percentual de lares que investem em alguma atividade produtiva é extremamente pequeno, assim, as remessas têm um papel muito mais assemelhado ao do salário e não são utilizadas como capital. Segundo Dominguez & Orozco (2007), os problemas enfrentados por elas são vários:

- As mulheres que ficam a cargo da casa e da família no país de origem têm, geralmente, baixos níveis de educação e, por conseguinte, baixo conhecimento administrativo e enfrentam grandes dificuldades em ter acesso a créditos por não possuírem informação pertinente ao assunto;
- O emprego das remessas em educação, saúde e bens de consumo faz diminuir o percentual de dinheiro investido nos negócios;
- Devido ao baixo investimento, os negócios tendem a necessitar de mão-de-obra familiar não remunerada, o que possibilita a interpretação de que tais negócios possuem baixa capacidade de geração de emprego e acabam

transformando-se, assim como as remessas, em um mecanismo de sobrevivência e não de promoção do desenvolvimento;

- Ainda, em relação aos estereótipos de gênero, as mulheres acabam investindo em negócios “apropriados” a elas, tais como salões de beleza, comércio de roupas ou comida, que são áreas já saturadas no mercado;
- Devido aos problemas anteriores, os negócios geridos por mulheres são de baixa rentabilidade e não duram muito tempo.

O gráfico número 6, (Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2007) demonstra os percentuais de inversão das remessas familiares nos países centro-americanos. Em média, 75% das remessas é gasta em bens de primeira necessidade, os 25% ficam divididos entre educação, saúde e investimento ou criação de negócios familiares.

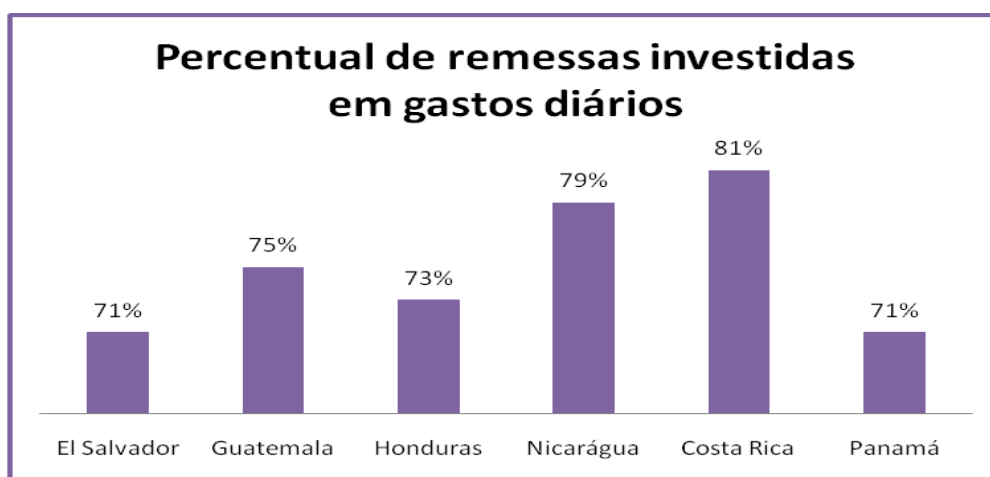


Gráfico 5 | Fonte: BID, 2007

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 DO GÊNERO

Segundo Bueno de Mesquita, as teorias são relatos, afirmações ou formas de contar uma história, de acordo com as relações que se formam entre as variáveis. Nas Relações Internacionais, as teorias, sobretudo as que estão sob o escopo do pós-positivismo, são compilações da realidade, de fatos ou eventos políticos, de fenômenos sociais. O que as feministas desta disciplina reivindicam é, justamente, o esquecimento da perspectiva feminina na interpretação dessa realidade. Um esquecimento que pressupõe a nulidade das intervenções das mulheres e de suas realidades como parte da política. Nesse sentido, como entender um sistema se, no caminho de sua explicação, falta uma parte?

As teorias de Relações Internacionais, de forma geral, divergem em vários aspectos. Burchill, baseando-se em Linklater, elenca quatro pontos cruciais que, a partir de divergências, vêm construindo os caminhos teóricos da disciplina, são eles:

1. Divergência quanto ao objeto ou nível de análise: ou seja, existe uma multiplicidade de abordagens que se distinguem por conta dos atores que constituem sua unidade análise. Nesse marco, as feministas reclamam a exclusão das mulheres na política internacional;
2. Modos de fazer a política internacional mais justa e pacífica: ou como compatibilizar o social e o político em busca de uma ordem menos conflitiva? Nesse sentido, feministas e teóricos críticos convergem em admitir que o entendimento será real apenas com a promoção do entendimento e a partir da emancipação de grupos marginais. Entendendo aqui grupos marginais como os não contemplados nas análises políticas;
3. Metodologia: produzir conhecimento a partir de um plano pré-estabelecido ou a partir da observação dos fatos?
4. Ver as Relações Internacionais de maneira distinta ou relacionada a outras áreas: nesse ponto entram em cheque a histórica reflexão da disciplina, que vai no sentido de questionar se é possível construir as Relações Internacionais sem o apoio da ciência política, história ou sociologia.

Ainda que as teorias, em Relações Internacionais divirjam em vários aspectos, é necessário que o debate inclusivo de novos temas do cenário internacional sejam incorporados. E esse é o caso dos estudos de gênero. Quando, no século XIX as ciências sociais começaram a se diferenciar, criando áreas autônomas e agendas alternativas, com objetos e objetivos diferentes, as Relações Internacionais permaneceram sem uma definição. Somente após o fim da primeira guerra mundial, a disciplina começou a pensar o sistema internacional, mas o fez de maneira dicotômica, a partir da reflexão sobre a guerra e a paz, ou, simplesmente, maneiras de evitar a guerra. Nas décadas seguintes, passou por um debate metodológico e um debate liberal, chegando, somente na década de 1980 na abordagem de temas contemporâneos que fugiam do tradicional estado e guerra (BURCHILL, 2001; SARFATI, 2005; BROWN & IANLEY, 2005).

A intensidade dos acontecimentos na esfera internacional forçou essa mudança. O racionalismo, essencialmente liberal, daria mais espaço ao reflexivismo, representado pelo feminismo, teóricos críticos e pós-modernos. Era a mudança pós-positivista da qual Yosef Lapid falava em seu artigo de 1989, dizendo que se tratava de um movimento que ia de encontro à dominação das teorias tradicionais, tratando de trazer novos elementos para a reflexão da política internacional e advogando a necessidade de mais aproximação com a realidade do que aos ditames cientificistas que fizeram das Relações Internacionais uma disciplina distanciada do elemento humano, das pessoas (LAPID, 1989). Os teóricos críticos, segundo Burchill (2001) e Smith (1995), foi que começaram a produção de análises normativas, ontológicas e epistemológicas, baseadas na Teoria Social, de uma maneira que, até então, não havia sido feitas na Política Internacional: a partir de construção de um arcabouço teórico emancipatório, desobrigado e descompromissado com um sistema internacional de dominação e exclusão. Alertando que desobrigado nada tem que ver com desinteressado, uma vez que a realidade deve ser entendida dentro de um contexto de interesses. Esse raciocínio é um dos postulados mais famosos da Teoria Crítica, a de que a teoria sempre serve a alguém e/ou a algum propósito, raciocínio imediatamente contrário à idéia de neutralidade e imparcialidade advogada pelas teorias internacionais tradicionais.

Nesse sentido, apropriando-me desse postulado crítico, justifica-se esta pesquisa, também, por ser a autora uma mulher. E, ainda mais, uma mulher latina, interessada no conhecimento de seu povo e de suas heranças identitárias, em um mundo onde entender o que é ser latino, como diz Canclini - e eu acrescento também ser mulher – significa “interpretar a persistência e as mudanças de uma história em permanente negação”. Produzir conhecimento inclusivo para as mulheres é, desde esse ponto de vista, uma forma de emancipação, é produzir uma forma alternativa de pensar.

Empreender uma reflexão de gênero é tirar as mulheres da marginalidade da política e da economia e empreender debate entre perspectivas teóricas distintas e construir diálogos.

Ann Tickner nos oferece um importante aporte no pensamento de gênero nas Relações Internacionais, com o artigo *You Just don't understand: troubled engagements between feminists and IR theorists* (1997), quando questiona se o pessoal é internacional, sendo esse um dos principais entraves para a perspectiva da mulher na política internacional. Tickner diz que a construção do que é pessoal também é uma construção advinda do próprio processo de concepção dos gêneros. Ou seja, quando se define as características e comportamentos pertinentes a homens e mulheres, define-se o que é público e privado de maneira excludente e, nesse sentido, define-se o que é importante (universal) e de pouco alcance (pessoal). É nesse sentido, que Tannen (*apud* Tickner, 1997), diz que nós criamos e habilitamos nosso gênero e nossas desigualdades a partir de todo movimento que fazemos.

Deixar de observar as diferenças entre os gêneros nas mais diversas instâncias da vida pública ou privada é um erro que pode ser problemático para o próprio conhecimento que se quer gerar. Mais do que não admitir a importância de diferenças, é admitir a inexistência de outro lado da moeda, é invisibilizá-lo.

Nesta pesquisa, ao incluir os homens, não queremos reafirmar que a mulher não pode ser uma categoria de análise em si mesma. A escolha pela comparação serviu para evidenciar as desigualdades existentes entre as duas categorias de análise, imersas dentro de um mesmo fenômeno e realidade social. Foi uma tentativa de evidenciar que, ainda que ambos os gêneros estejam nas mesmas circunstâncias, eles reagem, impactam e são afetados de maneiras diferentes.

5.2 DOS DADOS INVESTIGADOS

Os dados estatísticos são uma fonte fundamental de informação que serve para aprofundar o conhecimento e as análises sobre as migrações, as remessas e o impacto nas comunidades de saída e acolhida.

Na América Latina, ainda existe uma dificuldade de compilar esse tipo de informação. Os esforços por gerar dados desagregados por sexo é recente e nem sempre a reflexão que se gera agrega as mulheres. As migrações e as remessas, pese suas intensidade e ocorrência, são campos de estudo recentes e é necessário que as pesquisas sobre esses temas, analisando suas dinâmicas na América Central, se fortaleçam, para que existam cada vez mais, informações que possam resguardar os migrantes das vulnerabilidades do processo.

Importante notar que, em alguns casos, os dados encontrados sofriam variações significantes e, por isso, recorreremos às pesquisas que faziam aproximação ou estimativas entre esses dados. Nesse caso específico de quantificação de pessoal emigrado, as estimativas se baseiam em informações contábeis da Embaixada dos Estados Unidos, que anualmente, tem reportado uma média de trezentas entrevistas para concessão de vistos, diárias. É comum que dificuldades como essa ocorram em países “expulsores” de nacionais, como é o caso de El Salvador, é uma tarefa difícil manter controle sobre as saídas de salvadorenhos de seu território, ainda mais quando a incidência de migração irregular é crescente, criando um mundo a parte do mundo real e institucional.

No tocante à migração e às remessas também existe outro obstáculo: os dados se referem sempre às pessoas documentadas, o que causa distorções com a realidade e acaba por excluir dos processos uma enorme população indocumentada. Para incluí-los, portanto, é necessária uma abordagem qualitativa do tema.

5.3 CONCLUSÃO

A migração é uma válvula de escape e, ao mesmo tempo, uma condenação para El Salvador. A perene situação de pobreza e desigualdade mina as possibilidades de desenvolvimento humano e de produção de riqueza para o país. Migrar supõe,

nesse caso, a saída de capital humano e também é entendido como um mecanismo de mobilidade social para a população mais pobre.

Essas interpretações são mais perigosas quando, além da migração, existe forte motivação para emigrar. O PNUD(2006), remetendo-se a pesquisas de opinião, informa que entre cinco e sete, de cada dez salvadorenhos, emigrariam se tivessem condições. A materialização desse dado é evidente: as informações utilizadas para a composição deste trabalho dão conta de 2,5 milhões de salvadorenhos só nos Estados Unidos, mas o Programa *Migración y Desarrollo*, do PNUD, divulgou, através de nota informativa, no final de 2011, que essa população já ultrapassava os 2,8 milhões.

Com a crise financeira que se iniciou em 2008, a migração mexicana, em números absolutos, para os Estados Unidos, reduziu-se 30%. O mesmo não se verifica entre os centro-americanos, que continuam enxergando a migração para o Norte como saída para sua situação de pobreza. A lacuna deixada pelo Estado no provimento de direitos básicos associada à baixa criação de empregos fixos no interior do país, faz as pessoas deixarem seu lugar de origem, impulsionadas pelo que Robert Cox (2001), apoiado em Paul Vielle, chama de caos, que é o resultado de efeitos negativos das instituições estabelecidas.

Nesse sentido, Cox vai considerar como caos, basicamente, as conseqüências do capitalismo em crises econômicas, como o desemprego, os deslocamentos sociais decorrentes do abandono do poder do Estado em regular a economia, as conseqüências em larga escala da imigração ilegal, as grandes ondas de violência – social e estatal – e os levantes populares como forma de resistência. Quando esse caos se estabelece, a resposta para ele são os movimentos sociais, entendidos não como grupos da sociedade civil, mas como o movimento que as pessoas empreendem em resposta ao caos. A resposta salvadorenha tem sido emigrar, regular ou irregularmente, mas fugir de um sistema que não lhes têm garantido o necessário para sobreviver.

A resposta ao caos, desordenada, em princípio, acaba criando distorções que fortalecem as estruturas de um mundo não-oficial, do qual pouco se sabe, porque, obviamente, não existem estatísticas oficiais que o comprove. A relação entre o mundo real e o mundo encoberto, quando se trata de migrações e de remessas, em

El Salvador, é evidente. Durante toda a pesquisa foi possível observar dualidades e dicotomias que, se bem existem, não fazem parte do mundo oficial. É o que ocorre com a migração irregular e os indocumentados, que vivem em um contexto de exclusão, mas que decidem enfrentar as vulnerabilidades da travessia para os Estados Unidos, mesmo sabendo dos riscos. E, ainda assim, conseguem prover sustento e sobrevivência para milhares de salvadorenhos que ficaram. Essa resposta é o reconhecimento não são da situação de marginalidade em El Salvador, mas também de que a autoridade central, o Estado, é indiferente às demandas sociais.

Falar de migração irregular, passa, necessariamente, pelo crime organizado. Nesse cenário, o comércio de drogas e o tráfico de pessoas, como se mencionou em tópico anterior desse trabalho, têm lucrado imensamente. O crime organizado tem controlado os movimentos de mulheres e crianças ao longo das fronteiras entre países pobres e ricos, gerenciam o turismo sexual e financiam grandes redes de tráfico de pessoas que faturam bilhões anualmente. O comércio de armas também tem sido enormemente, beneficiado com o advento da privatização da segurança, que surgiu nos países centro-americanos como resposta à violência generalizada que o estado ainda não pode controlar.

Seguindo o raciocínio de Cox (2001), esse mundo paralelo de exclusão, criado pelo caos, é necessário para a manutenção do *status quo*. É dizer, no processo de expansão capitalista, a aquisição de mão-de-obra barata tem sido peça fundamental para acúmulo de lucro. Nesse sentido, as empresas continuam migrando para países subdesenvolvidos, criando desemprego em massa, desarticulando o entorno produtivo e forçando as migrações para o centro do sistema. Ou seja, esse novo tipo de migração forçada, como dizem Wise, Covarrubias e Ramirez (2009), tem sido importante para a engrenagem do sistema capitalista.

Há uma lacuna entre o Estado e o desenvolvimento da sociedade. Se esta não se desenvolve em um sentido emancipatório, abre espaço para outras forças, movimentos xenófobos, racistas, excludentes de uma forma geral. É o que Cox (2001) vai chamar de *covert world*.

Cox reconhece que, da maneira como se organiza hoje o sistema de Estados, pouco pode ser alcançado no sentido de uma transformação fundamental. A política não

tem desempenhado o papel de buscar as melhores escolhas para o futuro da sociedade e, em vez disso, concentra-se na competição entre as opções possíveis na manutenção do status quo. Há uma grande lacuna entre a autoridade política institucionalizada e a vida real das pessoas. É nesse sentido que as remessas familiares jogam um papel chave, na lacuna deixada pelo Estado.

Não existe uma clara relação de causalidade entre remessas e desenvolvimento. O desenvolvimento é um termo que, correntemente, é associado às remessas. Este é um ponto dúbio, não existe concordância sobre o papel desenvolvimentista das remessas. Reconhece-se a importância das remessas como tendo um importante papel tanto no desenvolvimento local de comunidades, quanto no aumento dos fluxos financeiros enviados para o país de origem. A lógica utilizada é que o dinheiro enviado é uma espécie de investimento, um capital que fica a disposição para que comércios locais sejam montados, fazendo movimentar economias locais. Dizem Domingues e Orozco, sem data, p.2) que:

a maior disponibilidade de recursos monetários, acompanhada de mudanças no sistema financeiro formal, promovidas pelo mercado, derivarão em uma espécie de economia financeira, que abrirá uma série de oportunidades para as pessoas que enviam e recebem remessas. E, mais ainda, para o conjunto da comunidade, permitindo-lhes iniciar empreendimentos, que são a coluna vertebral do desenvolvimento local neste modelo.

O que é interessante observar é que o que é descrito por Domingues e Orozco corresponde a um tipo perfeito. Nem sempre as remessas serão enviadas por meios formais e, nem sempre, serão utilizadas em empreendimentos que garantirão o sustento das famílias. Segundo Domingues e Orozco (sem data, p.8), a díade remessa-desenvolvimento carrega uma matriz altamente mercantilista por três razões:

Em primeiro lugar, porque situa o potencial para o desenvolvimento promovido pela migração nas mãos do/a migrante empreendedor/a que atua no mercado. Em segundo lugar, porque impulsiona as estratégias de inserção no mercado e atenua o papel das instituições públicas. Em terceiro lugar, porque é plenamente favorável às políticas de liberalização financeira do período atual de globalização, práticas plenamente de acordo com políticas neo-liberais.

A visão das organizações financeiras e dos governos se orienta para a utilização das remessas como fator de desenvolvimento e, inclusive, como substitutivo da ação do Estado. O UNFPA chega a qualificar esse comportamento como um desrespeito ao direito do migrante de desfrutar de seu trabalho.

As remessas, como reflexo da migração, também têm um duplo impacto na vida salvadorenha. Os dados compilados para a construção desse trabalho mostram as remessas como principal responsável por amenizar a pobreza em El Salvador. A ausência desses recursos levaria mais da metade do país para a pobreza, o que evidencia que os problemas estruturais não resolvem com a simples afluência de dinheiro.

A população salvadorenha que migra para os Estados Unidos, em sua maioria, consegue melhorar os seus ingressos per capita, que passam a ser seis vezes maiores do que a média salvadorenha. Nos Estados Unidos eles gozam de um IDH médio-alto, que os coloca, segundo o PNUD (2011), 64 vezes acima do nível salvadorenho, mas, ainda assim, essa média está abaixo da média estadunidense.

Mais de um quarto das famílias salvadorenhas declara receber dinheiro do exterior. Esse dinheiro representa 16% do PIB do país. Esses números, por si só, refletem a situação de dependência que o país vive. Mas, além disso, cria um fenômeno ainda pouco conhecido e estudado que é pensar o país a partir de uma base salvadorenha que permanece em seu território, mas que se desenvolve com a ajuda de um El Salvador que já não está mais lá.

Nesse sentido, nascem interrogantes que impactam sobremaneira no exercício democrático do país, pois perpassa pelo entendimento de como desenvolver uma cidadania de qualidade, interessada em um projeto nacional, em um país cujo conceito de nação tem sido tão elástico para tanta gente.

A importância das remessas vai além da manutenção mensal de uma família. Reside não nos cem ou duzentos dólares enviados individualmente, mas macroeconomicamente esse dinheiro constitui parte importante dos PIBs de vários países, como é o caso de El Salvador. É justamente esse impacto que torna visível a existência de comunidades transnacionais, que são comunidades formadas por

migrantes que, através das remessas que envia, mantém laços econômicos, culturais e identitários com seu país de origem.

Analisar o impacto das remessas familiares é analisar o ambiente de quem emigra e de quem fica no país. Não se trata de interpretar apenas o fluxo de entrada de dinheiro. No caso de El Salvador, é necessário analisar o emaranhado de redes e relações que se desenvolvem.

A informação de que as uniões estáveis são comuns em El Salvador, em detrimento do casamento formal, é algo que impacta na percepção do casal envolvido em um contexto migratório e no recebimento de dinheiro para sustento da família. A migração salvadorenha para os Estados Unidos é majoritariamente masculina. A saída desses homens contribui para o incremento de uniões livres, filhos fora do casamento e lares encabeçados por mulheres com poder de decisão e de participação no mercado de trabalho (SANTILLÁN e ULFE, 2006).

Nesse sentido, as remessas não criam apenas uma bolha de consumo artificial em El Salvador, mas impactam nas relações familiares, que criam relações sociais, que constroem normas e padrões de comportamento.

É recorrente, por exemplo, que o migrante homem seja infiel ou acabe construindo outra família no país de acolhida. Ainda que as mulheres se interessem, elas têm sua própria fidelidade vigiada pela família do marido, sobretudo quando este segue enviado dinheiro para manutenção dos filhos. É como se a fidelidade feminina fosse o preço a pagar pelo sustento da casa.

Ainda que as mulheres tenham experimentado mudanças em seu papel na família, elas ainda estão inseridas numa estrutura patriarcal que continua vigente no seu entorno. Existem poucas oportunidades de transformar as relações de poder porque a mulher segue sendo dependente do homem, dizem Santillán e Ulfe (2006).

Sobretudo no meio rural e entre as famílias mais pobres, as mulheres têm dificuldades de se manter no mercado de trabalho. A migração também tem impactado nesse sentido. Com a migração do marido, as mulheres que trabalham precisam deixar seus filhos com parentes, geralmente mães ou irmãs. Sem a figura paterna e materna, algumas crianças apresentam dificuldades de desenvolvimento e

até depressão, o que obriga muitas mães a abandonarem o emprego e esperarem pelas remessas.

Mesmo fora do mercado, a percepção que existe entre nacionais e emigrados é que a mulher assume mais responsabilidades. Essa moralidade atribuída às mulheres é que faz com que elas sejam consideradas mais confiáveis no trato do dinheiro que chega. Cabe a elas manter a união familiar, cuidar de ansiedades, escamotear pressões emocionais, além de suas tarefas diárias com a casa, trabalho e filhos (GAMMAGE, 2005a; SANTILLÁN & ULFE, 2006).

Segundo Montes, em sua investigação sobre o significado das remessas em El Salvador, publicada em 1990, mostrava que as remessas tinham uso muito particular e era voltado para as necessidades familiares. 81,7% era utilizado para os gastos básico.

Ainda que homens e mulheres dêem às remessas destinações parecidas e estas sejam majoritariamente usadas para gastos diários, as mulheres tentam diversificar mais o uso do dinheiro: 65% vão para os gastos diários, o restante fica dividido entre gastos com habitação, saúde, educação e pequenas economias. No contexto da crise financeira, no entanto, elas passaram a canalizar 80% do dinheiro no consumo imediato (PNUD, 2011). Não existe possibilidade de economia ou investimento em negócios.

É importante mencionar que as remessas aumentaram a importação de bens de consumo. São televisores, vídeo-games e eletrodomésticos que são verdadeiras provas de melhora econômica dessas famílias, mas que acabam criando expectativas entre os mais jovens de que a satisfação de seus desejos só acontecerá com a migração. As remessas assumem o papel de compensação financeira, proporcionando uma estabilidade social mínima, suprimindo do Estado sua obrigação de promotor do bem-estar e garantidor de direitos básicos. O governo salvadorenho se apóia correntemente em seus migrantes no exterior, que, com suas remessas, possibilitam o acesso de suas famílias a bem e serviços básicos.

O efeito das remessas nas relações de gênero entre a população que fica em El Salvador mostra que há incremento da autonomia pessoal das mulheres. Elas passam de dependentes a donas do processo de gerência financeira de suas

famílias. No entanto, não escapam das relações de poder patriarcais que envolve todo o conjunto da sociedade.

Não é somente na economia que as remessas familiares influenciam. Elas modificam o cotidiano de milhões de pessoas, assim como modificam a maneira em que se constroem novos padrões de relacionamento, como, por exemplo, a redefinição dos papéis de gênero nas atividades produtivas e - mais lentamente – nas reprodutivas.

No entanto, em uma realidade regida por valores patriarcais arraigados, ver essas mudanças não é tarefa simples. As transformações ainda são lentas.

O ingresso de remessas em El Salvador tem contribuído para amenizar situações urgentes de pobreza. Por isso, a ênfase nos gastos diários. Essa situação perene de vulnerabilidade, associada à falta de oportunidades laborais que permitam que as remessas sejam apenas um complemento, reproduz uma lógica assistencialista que mantém a mulher presa a um estereótipo esperado para seu gênero. O assistencialismo não conscientiza, não emancipa, pois.

Enquanto o governo salvadorenho tiver e difundir uma leitura das remessas como instrumento do desenvolvimento nacional, a partir de uma lógica consumista de bem-estar, sem colocar ênfase no desenvolvimento humano, as históricas assimetrias sociais persistirão legitimando desigualdades que impedem a transformação das desigualdades de gênero.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANISTIA INTERNACIONAL. **Victimas invisibles:** migrantes en movimiento en México. Secretariado Internacional: Londres, 2010.

ARANGO, Joaquín. **Enfoques conceptuales y teóricos para explicar la migración.** Revista Internacional de Ciencias Sociales. Madrid, 2000. Disponível em http://www.giemic.uclm.es/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=369&Itemid=50. Último acesso em 30 out 2010.

BCR-Honduras (Banco Central de Reservas de Honduras). **Consideraciones sobre las remesas familiares enviadas a Honduras.** Resumen ejecutivo. Tegucigalpa, 2007.

BID. **Receptores de remesas en centroamérica.** Informes BID. Ciudad Guatemala, 2003. Disponible em

<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=548249>. Último acesso em 30 outubro 2010.

BID. **Remesas en Centroamérica.** Informes BID. Flórida, novembro 2007. Disponível em www.iadb.org/document.cfm?id=1200049. *Último acesso em 30 de outubro de 2010.*

BID. **Las remesas a América Latina y el Caribe durante el 2009:** los efectos de la crisis financiera global. Informes do BID. Nova York, 2009.

BROWN, Chris; AINLAY, Kirsten. Introduction: Defining international relations. In:_____. **Understanding International Relations.** 3 ed. Nova Iorque: Palgrave, 2005.

BURCHILL, Scott et al. **Theories of International Relations.** Nova Iorque: Palgrave, 2001.

CEPAL. **Mujeres migrantes de América Latina y el Caribe: derechos humanos y duras realidades.** Programa Regional de Población y Desarrollo. Santiago de Chile, Nov 2005.

CEPAL. **Las remesas de los emigrantes:** experiencias de la CEPAL en Centroamérica. Una nota informativa. Disponible en: www.crmsv.org/documentos/investigacion/remesasCEPAL.htm. Último acesso em 25 set 2011.

CIA. World factbook. Disponible en: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>. Último acesso em 27 out 2011.

COX, Robert. The covert world. In: _____. **The political economy of a plural world:** critical reflections on power, morals and civilization. Routledge Editora: Nova Iorque, 2002, pp. 118-138.

DOMÍNGUEZ, Mar García & OROZCO, Amaia Perez. **El paradigma de remesas para el desarrollo: evidencias empíricas y cuestionamientos teóricos desde una perspectiva de género.** Informe United Nations – INSTRAW. Nova York, sem data.

GAMMAGE, Sarah. **Exporting people and recruiting remittances:** a development strategy for El Salvador. Latin American Research Review. 2005b.

GAMMAGE, Sarah *et al.* **Gender, migration and transtational communities.** A draft report for the Inter-American Foundation. Washington DC, abr 2005.

GAMBOA, Abelardo Morales. **La diáspora de la posguerra:** regionalismo de los migrantes y dinámicas territoriales en América Central. Editoriales FLACSO. Costa Rica, 2007

HILY, Marie-Antoinette. **As migrações contemporâneas:** dos Estados e dos homens. Anais Seminário Internacional Cultura e (in)Tolerância. SESC, São Paulo, 2003.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos:** o breve século XXI (1914-1991). Companhia das Letras: São Paulo, 2003.

LAPID, Yosef. The third debate: on the prospects of international theory in a post-positivist era. **International Studies Quarterly**, n. 33, pp. 235-254, 1989. Mimeo.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da dependência.** Editora Vozes: Petrópolis, 2000.

MARINUCCI, Roberto & MILESI, Rosita. Migrações internacionais contemporâneas. In: **Instituto Migrações e Direitos Humanos**: artigos sobre migração. Sem data. Disponível em: http://www.migrante.org.br/as_migracoes_internacionais_contemporaneas_160505b.htm. Último acesso: 18 jan 2012.

MARTÍNEZ, Julia Evelin. **Perfil de gênero de la economía salvadoreña**. Documento de trabajo UNIFEM. San Salvador, 2006.

OIM (Organização Internacional para as Migrações). **Informe sobre las migraciones en el mundo 2011**: comunicar eficazmente sobre la migración. Ginebra, 2011. Disponível em: http://publications.iom.int/bookstore/free/WMR2011_Spanish.pdf. Último acesso em 18 jan 2011.

OROZCO, Amaia. **Vinculos migración y desarrollo**. Documento de Trabajo #3, United Nations – INSTRAW. Nova York, 2007.

PAIEWONSKI, Denise. **Feminización de la migración**. Documento de Trabajo #1, United Nations – INSTRAW. Nova York, sem data.

PALMA, I & DARDÓN, J. La emigración de guatemaltecos a Estados Unidos: características, comportamientos, impactos e implicaciones políticas. In: SOLÍS, D. & AGUILAR, M. (coord). **Migraciones en el sur de México y Centroamérica**. Editora Universidad de Chiapas. Chiapas, 2008.

PNUD. **Cuadernos sobre desarrollo humano**: la igualdad y la equidad de género en El Salvador. Cuadernos sobre desarrollo humano, nº 10, jun 2011.

POVEDA, Christian. La vida loca: 140.000 pandilleros azotan California, México y América Central. **Le monde diplomatique: México**. Abril, 2009, pp.17-22.

RODRIGUEZ, Ana Patricia. **Dividing the isthmus**: Central American transnational histories, literatures and culture. University of Texas Press. Austin, 2009.

RUIZ, Laura Carolina. **El Salvador 1989 – 2009**: migraciones y salvadoreños en Estados Unidos desde las categorías de Segundo Montes. PNUD-UCA, San Salvador, 2010.

SÁNCHEZ-CERÉN, Salvador. **Con sueños se escribe la vida:** autobiografía de un revolucionario salvadoreño. Ocean Sur, Querétaro/México, 2008.

SANTILLÁN, Diana & ULFE, María Eugenia. **Destinatarios y usos de remesas:** una oportunidad para las mujeres salvadoreñas? Série Mujer y Desarrollo CEPAL, n° 78. Santiago de Chile, 2006.

SARFATI, Gilberto. **Teorias de Relações Internacionais.** São Paulo: Saraiva, 2005.

SMITH, Steve. The self-images of a discipline: a genealogy of international relations theory. In: BOOTH, Ken; SMITH, Steve (org). **International Relations: theory today.** Oxford: Polity Press. 1995.

SUE-MONTGOMERY, Tommie & WADE, Christine. **A revolução salvadorenha.** Editora Unesp, São Paulo, 2006.

TICKNER, Ann J. You just don't understand: troubled engagements between feminists and IR theorists. **International Studies Quarterly**, vol. 41, n. 4, pp. 611-632, dez 1997.

TORREZ, Federico. **Uso productivo de las remesas familiares y comunitarias en centroamérica.** Documentos Naciones Unidas – CEPAL. México, 2000.

TRUE, J. Feminism. In: BURCHILL, Scott et al. **Theories of International Relations.** Nova Iorque: Palgrave, 2001.

UNFPA. **Migración internacional en centroamérica: mapeo regional de flujos, leyes, organismos e investigaciones en torno a los migrantes centroamericanos.** Working papers #37, United Nations. Managua, 2004.

UNFPA. **Análisis de situación de la población en Honduras.** Caderno 3: distribución geográfica de la población, United Nations, Tegucigalpa, 2009.